

Ariano Suassuna

**Os homens
de barro**



JOSÉ OLYMPIO
E D I T O R A



Ariano Suassuna

**Os homens
de barro**

JOSÉ OLYMPIO
E D I T O R A

© by Ariano Suassuna, 2011

Reservam-se os direitos desta edição à
EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.
Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão
20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – República Federativa do Brasil
Tel.: (21) 2585-2060
Produced in Brazil / Produzido no Brasil

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br
Tel.: (21) 2585-2002

ISBN 9788503012140

Capa: ISABELLA PERROTTA/HYBRIS DESIGN
Ilustrações: ZÉLIA SUASSUNA
Foto: ALEXANDRE NÓBREGA

Livro revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Suassuna, Ariano, 1927-
S933h Os homens de barro [recurso eletrônico] / Ariano Suassuna ; [ilustrações Zélia Suassuna]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : José Olympio, 2013.
recurso digital : il.

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 9788503012140 (recurso eletrônico)

1. Teatro brasileiro (Literatura) 2. Livros eletrônicos. I. Título.

13-01995

CDD: 869.92
CDU: 821.134.3(81)-2

Esta peça é dedicada à memória de meu Pai, João Urbano Pessoa de Vasconcellos Suassuna, de minha Mãe, Rita de Cássia Dantas Villar, e de todos os meus Tios, nas pessoas de Joaquim Duarte Dantas, Manuel Dantas Villar, Maria das Neves Villar Dantas e Adálida Suassuna de Arruda Barreto.

Dedico-a, ainda, a três dos meus amigos: Ana Canen, José Laurenio de Melo e Luiz Fernando Carvalho.

“Formou, pois, o Senhor Deus ao homem do barro da terra e inspirou no seu rosto o hálito da vida... E sucedeu que, estando ambos no campo, levantou-se Caim contra seu irmão Abel e matou-o.”

Gênesis, 2.7, 4.8

“É, porventura, a minha força a força da pedra?”

Job, 6, 16

“Nossa alma é um Castelo de puríssimo cristal e Deus diz que nele tem suas deleitações.”

Santa Teresa

“Tenha pena, grande Comandante, dos homens de barro!”

William Shakespeare

“Nada queriam desta vida. Por isto, a propriedade tornou-se-lhes uma forma exagerada do coletivismo tribal dos beduínos... Voluntários da miséria e da dor eram venturosos na medida das provações sofridas... (O Profeta) consentia de boa feição que errassem, mas que todas as impurezas e todas as escorralhas de uma vida infame, saíssem, afinal, gota a gota, nas lágrimas vertidas.”

Euclydes da Cunha

“Além do fanatismo religioso, transparecia também, entre aqueles fanáticos (da Pedra do Reino) um como quê pensamento socialista.”

Pereira da Costa

“Mutilado, mas quanto movimento em mim procura ordem! O que perdi se multiplica e uma pobreza feita de pérolas salva o tempo, resgata a noite.”

Carlos Drummond de Andrade

“Não direi de Joana Temerária sequer as culpas mínimas e os padecimentos menores... O manguê fedia a um mar afogado e os homens eram feras castigadas.”

José Laurenio de Melo

SUMÁRIO

NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

OBRAS DO AUTOR

OS HOMENS DE BARRO

NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

JOSÉ LAURENIO DE MELO

NASCIDO a 16 de junho de 1927 na cidade de Nossa Senhora das Neves, então capital da Paraíba, Ariano Vilar Suassuna é filho de João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna e Rita de Cássia Dantas Vilar Suassuna. Contava pouco mais de três anos de idade quando seu pai, que governara o estado no período de 1924 a 1928, foi assassinado no Rio de Janeiro em consequência da cruenta luta política que se desencadeou na Paraíba às vésperas da Revolução de 1930. Nesse mesmo ano, D. Rita Vilar Suassuna, que se vira obrigada pela falta de segurança reinante em seu estado a mudar-se para Pernambuco, transferiu-se com os nove filhos do casal para o sertão paraibano, indo instalar-se na fazenda Acahuan, de propriedade da família, e depois na vila de Taperoá, onde Ariano Suassuna fez os estudos primários.

A infância passada no sertão familiarizou o futuro escritor e dramaturgo com os temas e as formas de expressão artística que viriam mais tarde constituir seu universo ficcional ou, como ele próprio o denomina, seu “mundo mítico”. Não só as histórias e casos narrados e cantados em prosa e verso foram aproveitados como suporte na plasmação de suas peças, poemas e romances. Também as próprias formas da narrativa oral e da poesia sertaneja foram assimiladas e reelaboradas por Suassuna. Suas primeiras produções — publicadas nos suplementos literários dos jornais do Recife, quando o autor fazia os estudos pré-universitários no Colégio Osvaldo Cruz e no Ginásio Pernambucano — singularizavam-se pelo domínio dos ritmos e metros cristalizados na poética popular nordestina, toda ela baseada num corpo de regras e cânones codificados e manejados com segurança pelos poetas sertanejos no ardor de um desafio, na composição de um “romance” ou no improvisado de uma glosa. Datam dessa época poemas como a gesta dos “Guabirabas” e “A morte do touro Mão-de-Pau”.

Em 1946, ao ingressar na Faculdade de Direito do Recife, Ariano Suassuna ligou-se ao grupo de jovens escritores, artistas e estudantes que, tendo à frente Hermilo Borba Filho, Joel Pontes, Gastão de Holanda, Genivaldo Wanderley e Aloísio Magalhães, acabavam de fundar o Teatro do Estudante de Pernambuco. As atividades desse grupo iriam desenvolver-

se em três direções: levar o teatro ao povo, representando em praças públicas, teatros suburbanos, centros operários, pátios de igrejas etc.; instaurar entre os componentes do conjunto uma consciência da problemática teatral, através não só do estudo das obras capitais da dramaturgia universal mas também da observação e pesquisa dos elementos constitutivos das várias modalidades de espetáculos populares da região; e finalmente estimular a criação de uma literatura dramática de raízes fincadas na realidade brasileira, particularmente nordestina. A realização desse programa mobilizou artistas, intelectuais e estudantes de todas as áreas. Cumpre destacar os nomes de Capiba (Lourenço da Fonseca Barbosa), José Guimarães Sobrinho, Maria Teresa Leal, Epitácio Gadelha, Ana Canen, Rachel Canen, Milton Persivo, José Lins, Alaíde Portugal, Clênio Wanderley, Dulce de Holanda, Sebastião Vasconcelos, Filadelfa Loureiro, Elaine Soares, Salustiano Gomes Lins, Fernando José da Rocha Cavalcanti, José de Moraes Pinho, Galba Marinho Pragana, Ivan Pedrosa. No TEP, que em seis anos de existência montou, ao lado de originais brasileiros, peças de Sófocles, Shakespeare, Ibsen, Tchecov, Ramon Sender e Garcia Lorca, encontrou Suassuna o terreno que lhe permitiu descobrir-se a si mesmo como dramaturgo, aproveitar suas potencialidades criadoras e exercer sua vocação. Escreveu sua primeira peça em 1947, *Uma mulher vestida de sol*, que obteve o primeiro lugar em concurso de âmbito nacional promovido pelo TEP (Prêmio Nicolau Carlos Magno, patrocinado pelo escritor Paschoal Carlos Magno, fundador do Teatro do Estudante do Brasil). No ano seguinte, especialmente para a inauguração da Barraca (nome que o TEP, em homenagem a Lorca, deu a seu palco itinerante), escreveu *Cantam as harpas de Sião*, que foi totalmente refundida muitos anos depois com o título de *O desertor de Princesa*. A estes dois ensaios iniciais seguiu-se *Os homens de barro* (1949), em que as inquietações espirituais exacerbaram os processos expressionistas empregados na primeira versão de *Cantam as harpas de Sião*. As mesmas inquietações estiveram presentes em duas outras peças, *Auto de João da Cruz* (Prêmio Martins Pena, da Divisão de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1950) e *O arco desolado* (menção honrosa no concurso do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954). No plano artístico, caracteriza esse período a preocupação de conciliar a influência dos clássicos ibéricos, sobretudo Lope de Vega, Calderón de la Barca e Gil Vicente, com os temas e formas hauridos no romanceiro popular nordestino.

O ano de 1955 assinala o início de uma nova etapa na produção de Suassuna. Instado pelos seus amigos de O Gráfico Amador — pequena oficina tipográfica montada no Recife em 1954 por Orlando da Costa Ferreira, Gastão de Holanda e Aloísio Magalhães, que reuniam à sua volta um grupo de pessoas interessadas na arte do livro — a dar-lhes um texto para publicar, Suassuna escreveu o *Auto da Compadecida*, que por ultrapassar as possibilidades editoriais de um prelo manual não foi editado. Encenado dois anos depois

pelo Teatro Adolescente do Recife no Festival de Teatros Amadores do Brasil realizado no Rio de Janeiro, o auto, que marcou a guinada definitiva do autor para o gênero cômico, conquistou a medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais (1957). Sucesso permanente de público e de crítica, o *Auto da Compadecida* inaugurou uma vertente até então inexplorada na literatura dramática brasileira. Está hoje incorporado ao repertório internacional, traduzido e representado em espanhol, francês, inglês, alemão, polonês, tcheco, holandês, finlandês e hebraico. Vieram em seguida *O casamento suspeito* (1957), *O santo e a porca* (1957), *A pena e a lei* (1959) e a *Farsa da boa preguiça* (1960), a primeira montada em São Paulo pela Companhia Sérgio Cardoso, a terceira e a quarta montadas no Recife pelo Teatro Popular do Nordeste, fundado em 1959 por Hermilo Borba Filho e o próprio Suassuna, de quem o grupo ainda encenou, em 1962, *A caseira e a Catarina*.

Interrompendo aí o trabalho para o palco, Suassuna dedica-se, desde então, a escrever o *Romance d'A Pedra do Reino*, concebido como primeiro volume da trilogia *A maravilhosa desventura de Quaderna, o decifrador*. Do conjunto foram publicados apenas *A Pedra do Reino*, editado por esta Casa em 1971 e laureado com o Prêmio Nacional de Ficção conferido em 1972 pelo Instituto Nacional do Livro, e *O rei degolado* (Rio, José Olympio, 1977). Em 1994 as Edições Bagaço, do Recife, publicam *A história de amor de Fernando e Isaura*, recriação da lenda de Tristão e Isolda e primeira incursão de Suassuna no terreno da prosa de ficção (1956). A retomada da escrita para teatro ocorre em 1987 com *As conchambranças de Quaderna*, encenada no Recife no ano seguinte, e em 1997 Suassuna publica no suplemento “Mais!”, da *Folha de S. Paulo*, *A história do amor de Romeu e Julieta*, peça baseada em folhetos populares do Nordeste.

Até recentemente havia, porém, uma parte da obra literária de Suassuna que permanecia inédita em sua quase totalidade e conhecida apenas por um pequeno grupo de amigos, e que, no entanto, é tão importante quanto suas peças e romances: a poesia, onde reside talvez o núcleo de tudo mais. Poesia que vista em conjunto constitui uma complexa narrativa mítico-dramática balizada pelo diálogo com poetas antigos e modernos, eruditos e populares, num arco que se estende de Homero e Dante a Manuel Bandeira e ao cantador Manuel de Lira Flores. Reunida no volume *Poemas*, publicado em 1999 pela Editora da Universidade Federal de Pernambuco, a poesia de Suassuna tem suas matrizes esmiuçadas pelo prof. Carlos Newton Júnior, organizador da edição e autor do ensaio *O pai, o exílio e o reino*, também editado pela UFPE em 1999.

Os elementos que haviam marcado o começo da carreira literária de Suassuna foram, ao longo dos anos, passando por um processo natural de depuração e amadurecimento e acabaram por definir os rumos de sua obra. O compromisso entre a reelaboração do

material de origem popular e o refinamento dos meios de que dispõe um escritor culto, no pleno domínio dos recursos de seu ofício, são responsáveis pelo difícil equilíbrio alcançado por Suassuna nos pontos culminantes de seu teatro. E isto é o que lhe garante a comunicação com as plateias do mundo inteiro, comunicação direta, imediata, cujos veículos são a simplicidade dos entrecchos, o diálogo incisivo, a comicidade irresistível das situações, a concepção do jogo cênico e do texto como abertura para um teatro anti-ilusionista, e uma visão religiosa da vida que o seu ideário pessoal embebe de humanismo cristão e de esperança.

Formado em Direito e Filosofia, Ariano Suassuna é casado com a artista plástica Zélia Suassuna (cujos desenhos ilustram este volume). É pai de seis filhos e avô de muitos netos. Autor de numerosos ensaios sobre poesia, música, pintura, gravura, escultura, continua a ser um agitador cultural que congrega em torno de suas iniciativas poetas, pintores, gravadores, escultores, músicos e dançarinos. Aposentado como professor da Universidade Federal de Pernambuco, inventou as aulas-espetáculos que lhe permitem estar em contato com estudantes de todo o Brasil.

Do homem, ou melhor, do personagem Ariano, traçou seu amigo Hermilo Borba Filho um perfil que não nos furtamos a reproduzir aqui: “Magro e alto, de uma coerência extremada, radical em suas opiniões, é preciso vê-lo numa discussão com amigos (com inimigos basta que se leiam os seus artigos): zombeteiro, argumentador, desnorteante, irreverente. Vive, com a maior convicção, o preceito de Unamuno de que o artista espalha contradições. É capaz de destruir o argumento mais sério com uma piada ou sair-se com um problema metafísico dos mais angustiantes numa conversa ligeira. Tem horror aos aparelhos modernos — enceradeira, vitrola, televisão, rádio, telefone —, considerando-os coisas do demônio. Gostaria de crer em Deus como as crianças creem, mas crê com angústia, fervor e perguntas. Não vai a reuniões oficiais, jantares, coquetéis, espetáculos, mas amanhece o dia num bate-papo ou ouvindo repentistas. Tem pavor de avião e se martiriza com uma alergia que lhe dá comichões no nariz. Seu caráter é ouro de lei, e embora o negue, esforça-se para amar os inimigos, como manda o Evangelho. Pode, pessoalmente, atacar um amigo, mas defende-o de público até com armas na mão. A arte e a religião são por ele encaradas de maneira fundamental” (DECA, revista do Departamento de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, Recife, ano V, nº 6, 1963, p. 7).

Rio de Janeiro, outubro de 1973/março de 2002

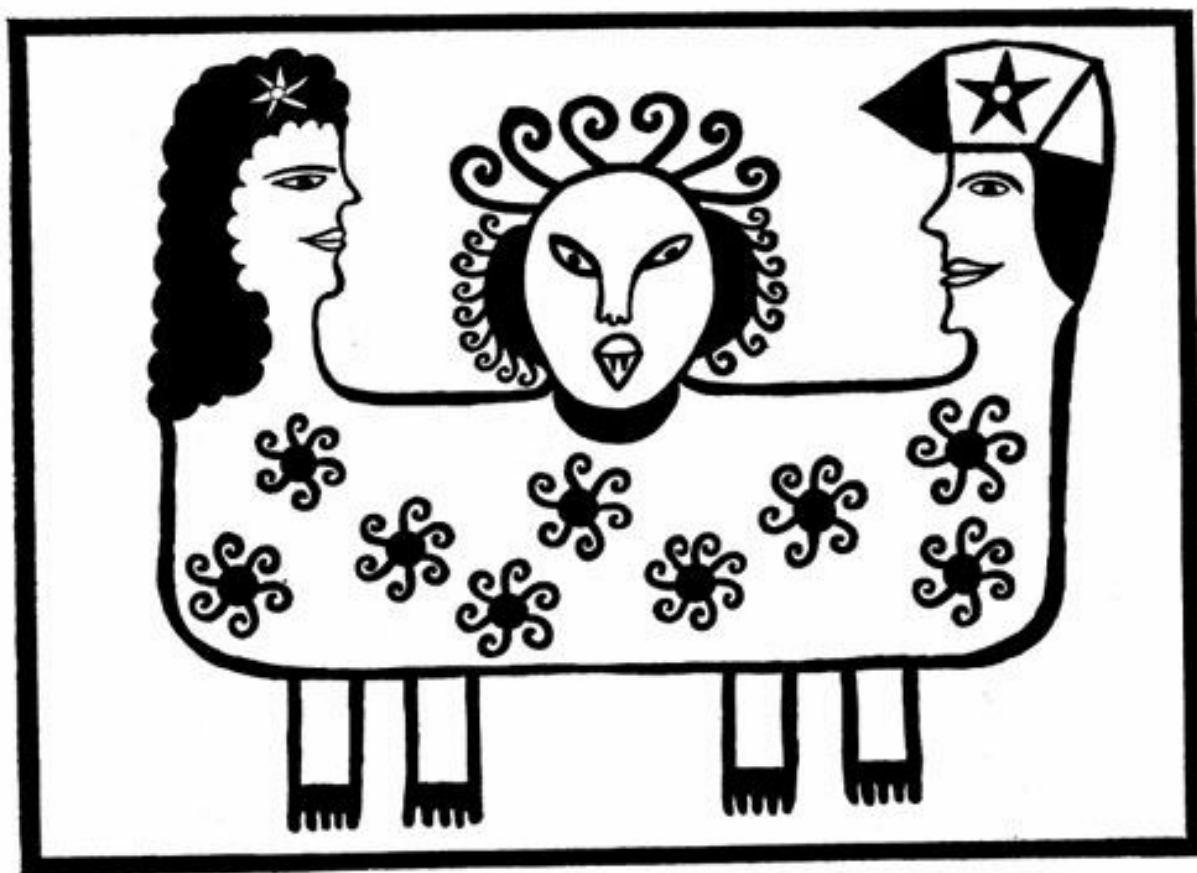
OBRAS DO AUTOR

- É de tororó* (em colaboração com Capiba e Ascenso Ferreira). Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1950.
- Ode*. Recife, O Gráfico Amador, 1955.
- Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro, Agir, 1957.
- O casamento suspeito*. Recife, Igarassu, 1961; Rio de Janeiro, José Olympio, 2002 (estampas de Zélia Suassuna).
- Uma mulher vestida de sol*. Recife, Imprensa Universitária, 1964; Rio de Janeiro, José Olympio, 2003 (estampas de Zélia Suassuna).
- O santo e a porca*. Recife, Imprensa Universitária, 1964; Rio de Janeiro, José Olympio, 2002 (estampas de Zélia Suassuna).
- A pena e a lei*. Rio de Janeiro, Agir/INL, 1971.
- Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971 (Prêmio Nacional de Ficção do INL/MEC, 1972); 2004 (estampas de Zélia Suassuna).
- Iniciação à estética*. Recife, Editora Universitária, UFPE, 1972; Rio de Janeiro, José Olympio, 2004.
- Farsa da boa preguiça*. Estampas de Zélia Suassuna. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973; 2002.
- Seleção em prosa e verso* (contendo quatro peças inéditas). Organização, estudo e notas do prof. Silviano Santiago. Estampas de Zélia Suassuna. Rio de Janeiro/Brasília, José Olympio/INL/MEC, 1975; José Olympio, 2007.
- História d'o rei degolado nas caatingas do sertão — Ao sol da onça Caetana*. Livro I. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977.
- História do amor de Fernando e Isaura*. Recife, Edições Bagaço, 1994; Rio de Janeiro,

José Olympio, 2006.

Poemas. Recife, Editora Universitária, UFPE, 1999.

OS HOMENS DE BARRO



PERSONAGENS

ELIAS, o Pai.
ADAUTO, o primeiro Filho.
ABEL, o segundo Filho.
EZEQUIEL, o Velho.
BENTO, o Doido.
JOANA, a Temerária.
CÍCERO, o Profeta.
CORO.

NOTA

Os figurantes do Coro, que se vestem como brincantes do *Auto de Guerreiros*, ora cantam, ora tocam, ora recitam, tendo Cícero como Corifeu.

CENÁRIO

A ação decorre no conjunto de lajedos da Pedra do Reino, principalmente diante das esculturas da *Sagrada Família*, esculpidas por Arnaldo Barbosa, com o *Cristo Rei* ao centro, ladeado pelo *São José* e pela *Nossa Senhora*.

Perto deles, um bloco de granito, no qual se imagina que Elias, com a ajuda de seus filhos ADAUTO e ABEL, está esculpindo parte do Anjo que ele viu um dia.



Quando começa a ação, ABEL, ADAUTO, BENTO e EZEQUIEL estão ajoelhados, os homens com rifles encruzados às costas. ELIAS está de pé, com uma grande Bíblia na mão. Tem barba e veste-se como um Beato sertanejo. Os outros, de calça escura e camisa branca. Mas JOANA — que, no primeiro momento não está em cena — usa uma espécie de samarra vermelha, adornada por um grande Crescente amarelo. Mas tudo isto são apenas sugestões, que podem ser seguidas ou não.

ELIAS, lendo.

“Bem-aventurado o homem a quem Deus corrige. Não desprezes, pois, a correção do Senhor, porque Ele fere e cura com o golpe de suas mãos. Em seis tribulações, Ele te livrará, e à sétima, o mal não te tocará. No tempo da fome, Ele te salvará da morte, e, no tempo da guerra, do poder da Espada. Estarás seguro ante o açoite da língua dos maldizentes e não temerás a calamidade quando chegar. Na fome e na desolação tu te rirás, e não temerás as feras da terra. Entrarás em harmonia até com as pedras do campo e as feras da terra, que te serão pacíficas.”

“O que tens ouvido, medita-o no teu entendimento. Em nome do Pai, do Filho e do

Espírito Santo.”

TODOS

Amém!

ELIAS

Ouviram? Entenderam? Deus não permitirá que sejamos esmagados! Quantas caixas de balas temos?

ADAUTO

Dezoito, meu Pai!

ELIAS

São suficientes e vão nos bastar. A estrada que sobe a Serra é estreita: assim, pode vir a Polícia inteira, os Soldados vão morrer de um em um. Não estamos fazendo mal a ninguém, portanto, a responsabilidade das mortes é deles. E o nosso pessoal?

ADAUTO

Foi dividido em duas metades. Uma, está emboscada, esperando a Polícia. A outra está tomando conta das Cabras e dos roçados!

ELIAS

E aqui nas pedras, quem trabalha hoje?

ADAUTO

Eu.

ABEL

Preciso ver como estão as Cabras. E tenho que trazer um Cabrito vermelho para o senhor matar, a carne já está no fim.

ELIAS

Está bem. Mas tome cuidado. A Polícia está de olho aberto em cima de nós. Mas Deus há de mostrar a eles de que lado está. Pode ir. (ABEL *ajoelha-se na frente dele.*) Deus o abençoe, não demore.

Sai ABEL.

ADAUTO

Cícero vem subindo a ladeira, pela estrada!

EZEQUIEL

Como foi que ele passou pela Polícia? Estará do outro lado?

ELIAS

Não, conheço Cícero, ele nunca nos trairia! E vem com a Cruz na mão!

EZEQUIEL

Vêm outras pessoas com ele, é melhor atirar!

ELIAS

Quem manda aqui sou eu, e o que disse está dito! Ninguém atira em Cícero sem minha ordem!

Entra CÍCERO, *com os figurantes do* CORO.

CÍCERO

Elias, meu irmão, eu vim para salvá-lo!

ELIAS

Só quem pode me salvar é Deus!

CÍCERO

Sim, depois de sua morte! Mas foi dela que eu vim salvar você. São muitos os Soldados que

estão lá fora. Falei com o Tenente, e ele disse que, se você desocupar a Serra e acabar com o Arraial, ele garante a vida de todo mundo!

ELIAS

Acabar com o Arraial? Por quê?

CÍCERO

Estão dizendo que você ameaça todos os fazendeiros daqui!

ELIAS

Eu não ameaço ninguém, não faço mal a ninguém! Trabalho aqui, com as pedras, pagando a promessa que fiz para expiar nossos pecados! Lá embaixo, para sustentar-nos, estão as Cabras e os roçados. Dos meus filhos, Aduino é responsável pelos roçados e Abel pelas Cabras. Mas o trabalho principal deles é aqui, comigo, também trabalhando as pedras! Comecei pela Sagrada Família. Mas depois, um dia, sonhei com um Anjo, e é nele que estamos começando a trabalhar. É um trabalho que nos purifica a todos, e aqui não há pecados: nós vamos acabando o nosso com a pedra e pelo fogo de Deus! Ninguém peca aqui!

CÍCERO

Quanto a mim, sou menos orgulhoso, não exijo pureza de ninguém. Acho que “a extrema dor é a extrema-unção, e o sofrimento duro é a absolvição plenária”. Por isso, “consinto de bom grado que os homens pequem, contanto que todas as impurezas de sua vida infame escorram, gota a gota, através das lágrimas vertidas”.

ELIAS

Quando vim para cá, ninguém queria nada com esta Serra, por causa das Pedras e do sangue que correu aqui há mais de um século! Agora, de repente, os ricos descobrem que a terra presta, é? Eu sei o que está acontecendo, Cícero: é que aqui a terra, as Cabras e os roçados pertencem a todos! “Tudo entre nós é comum e cada um recebe de acordo com sua necessidade!” Muita gente da redondeza está trocando as Fazendas de lá pela Pedra do Reino! É por isso que os ricos dizem que eu sou uma ameaça para eles. Que ameaça pode haver em pessoas que vivem aqui uma vida pura, tentando pagar os pecados de todos?

CÍCERO

Acontece que começaram a aparecer outras histórias sobre vocês!

ELIAS

Histórias? Que histórias?

CÍCERO

Estão falando de um amor criminoso, aqui.

ELIAS

Essa história só pode ter sido espalhada pelo Padre!

CÍCERO

Que Padre? O de Belmonte?

ELIAS

Não, o de Belmonte é um homem honrado. Falo daquele que desonrou a Moça e me mostrou, de vez, quanto valiam todos os Padres!

CÍCERO

Volte comigo, Elias: posso salvar todos, se você se entregar agora.

ELIAS

Minha resposta é *não*, vá embora! Diga ao Tenente que Deus está do nosso lado, e que, se ele quiser ver os ossos dos Soldados no sol, venha. Quanto a essas histórias que o Padre inventou, são como as dos ricos: o Padre está vendo que as pessoas do Povo levam mais fé em mim do que nele! Sabe por que, Cícero? Porque aqui nós vivemos uma vida pura. Nem eu nem meus filhos tocamos em mulher! Assim, volte e diga ao Tenente que eu não preciso inventar mentiras sobre um homem, para ter coragem de enfrentá-lo!

CÍCERO

Ouçã o que estou lhe dizendo, homem! Eu não acredito em nenhuma dessas histórias, mas você sabe como é o pessoal da rua: o Povo continua a achar que você é um Santo; mas os outros acreditam no crime e no pecado. Principalmente por causa de todas as mortes que aconteceram nestas Pedras!

ELIAS

E o pessoal da Cavalgada?

CÍCERO

Está dividido. Os do Cordão Encarnado estão com vocês, os do Azul, do outro lado. Os músicos que vieram comigo pensam como eu.

ELIAS

Daqui não arredo meus pés, custe o que custar! E agora, pode voltar ao Tenente para dar meu recado!

CÍCERO

Não, Elias! Como você, sou homem de religião; e, se você fica, eu fico também! (*Para o CORO.*) Vocês, se quiserem, podem voltar!

COREUTA

Não, se nosso Mestre fica, nós ficamos também!

CÍCERO

Vocês querem ficar mesmo? Lembrem-se de que não admito armas! As nossas, são esta Cruz e os instrumentos que vocês tocam!

COREUTA

Ainda assim, nós ficamos!

CÍCERO

Pois, então, que Deus abençoe vocês. E vamos rezar, porque, pelo que vi, o tiroteio começa

assim que o Sol se esconder!

O CORO *se dispõe em cena, com CÍCERO à frente, como Corifeu. Os Músicos tocam para acompanhá-lo.*

CÍCERO, *recitando.*

“Não é tua confiança o temor de Deus, e tua conduta perfeita não é tua esperança? Onde já se viu que justos fossem exterminados? Aqueles que cultivam a iniquidade, aqueles que semeiam a miséria e a injustiça, estes é que são castigados.”

COREUTA

“Ao sopro de Deus perecem, são consumidos pelo sopro de sua cólera! Serão quebrados o rugido do Leão e a voz do Leopardo. Morre o Leão por falta de presa e as crias das Leas se dispersam.”

CÍCERO

“Quanto a ti, farás aliança com estas Pedras, e as Bestas selvagens estarão em paz contigo. Visitarás teu rebanho de Cabras, e nada te faltará. Conhecerás uma descendência numerosa, e baixarás à terra como um feixe de trigo recolhido a seu tempo. Foi isto o que entendi da vida. Portanto, escuta e aproveita minhas palavras, pois está chegando o tempo da tua provação.”

Saem todos, com exceção de ADAUTO, EZEQUIEL, CÍCERO e o CORO. Enquanto CÍCERO pronuncia a fala final, ADAUTO, que empunhara o martelo e o cinzel, começa a trabalhar na pedra, como se pusesse todas as suas forças no que faz. EZEQUIEL observa-o com expressão escarninha. De repente, ADAUTO se interrompe e passa a mão na testa, como para enxugar o suor e, ao mesmo tempo, afastar um pensamento doloroso.

EZEQUIEL

Está se sentindo mal?

ADAUTO

Não.

EZEQUIEL

Cansado?

ADAUTO

Um pouco. Ontem não dormi bem.

EZEQUIEL

Ninguém dormiu bem aqui, ontem à noite. Acho que é por causa da Polícia. Minha filha também não dormiu: ficou conversando com seu irmão até tarde!

ADAUTO

É mentira!

EZEQUIEL

Você sabe que não é! Que mal faz? Ela não conversa com você também?

ADAUTO, *empunhando o martelo.*

Você não sabe o que está dizendo! Algum dia ainda vou esmagar sua cabeça até matá-lo!

EZEQUIEL

Que nada, você precisa muito de mim! Eu sei de fatos que lhe interessam muito.

ADAUTO

O que é que você quer dizer?

EZEQUIEL

Um dia você saberá tudo, é cedo ainda. Por que está tão inquieto?

ADAUTO

Não sei.

EZEQUIEL

Talvez seja a espera do ataque. Ou a espera de Joana!

ADAUTO

Eu não estou esperando nada, nem ninguém! É que estou cansado do trabalho na pedra.

EZEQUIEL

Seu Pai sabe para onde foi Joana?

ADAUTO

Não sei!

EZEQUIEL

Por que você não fala com ele sobre isso?

ADAUTO

Não tenho nada a dizer a meu Pai!

EZEQUIEL

Você sabe onde Joana está! Conte a ele!

ADAUTO

Eu não sei de nada!

EZEQUIEL

É, eu também não sei! O que não deixa de ser estranho, ela já devia estar aqui, cortando a pedra! Se você tiver alguma ideia a respeito disso, conte a seu Pai... antes que seja tarde.

ADAUTO *encara-o com ódio e volta a malhar a pedra. Entra* ABEL.

ABEL

Pegado no trabalho, como sempre?

ADAUTO

É! Com tudo o que está acontecendo, o trabalho hoje quase não se adiantou. Por que não veio me ajudar?

ABEL

Além de olhar as Cabras, tive que fazer outras coisas, meu irmão.

EZEQUIEL

Com Joana?

ABEL

Não, sozinho!

ADAUTO, *para* EZEQUIEL.

Deixe Joana em paz!

EZEQUIEL

Fiz somente uma pergunta! Por que não posso falar em Joana? Afinal, ela é minha filha! (*Para* ABEL.) Você sabe para onde ela foi?

ABEL

Não.

EZEQUIEL

Ela não contou a ninguém para onde ia, hoje! Nem a você, que agora é o confidente dela!

ABEL

Eu? Não! (*Para* ADAUTO.) Joana sempre preferiu estar com você.

EZEQUIEL

Isso foi há tempo. Agora, anda muito estranha! Outro dia, à noite, levantou-se da rede e saiu, sozinha. Ficou aqui muito tempo, olhando a Pedra!

ADAUTO

Eu também venho aqui, às vezes, mesmo de noite! Que é que isso tem de estranho?

EZEQUIEL

Não sei!

ADAUTO

Vocês não sabem tanta coisa? Pois digam tudo agora! Tenham coragem!

ABEL

Que é isso, meu irmão? O que é que você tem?

ADAUTO

Nada!

ABEL

Você está trabalhando mais do que deve, com as pedras!

EZEQUIEL

É o cansaço sagrado! Este, nosso, é um trabalho sagrado, o Pai de vocês é quem sabe: cortar a pedra, de manhã à noite! Em busca de quê, afinal?

ADAUTO

Em busca do Anjo! Um dia, a escultura estará pronta. Nós subiremos a Pedra de madrugada e, quando o Sol aparecer, o Anjo de pedra estará lá em cima, para que Deus o

aviste com alegria!

ABEL

Talvez a gente não viva o bastante para aprontá-lo!

EZEQUIEL

Não importa! O que interessa é procurar o Anjo, mesmo que não esteja pronto quando a morte vier. Acharemos nossa verdadeira vida ao construí-lo: eu, seu Pai, vocês dois... e Joana! Mas, para isso, é necessário ficar aqui!

ADAUTO

Eu nunca sairei deste lugar!

EZEQUIEL

E você?

ABEL

Cada um trate de fazer a sua parte. Cuide do seu trabalho e deixe o meu em paz!

ADAUTO, *para* EZEQUIEL.

Saia! Quero falar com meu irmão!

EZEQUIEL

Está bem!

Sai.

ABEL

O que é que você tem para me dizer?

ADAUTO

Nada! É que não podia mais suportar a presença dele aqui!

ABEL

É, às vezes fica assim, falando coisas estranhas!

ADAUTO

Quem será ele, na verdade? Quem será o Doido? O que é que Bento e Ezequiel estão fazendo aqui, conosco?

ABEL

Somente o nosso Pai é quem sabe, e ele não gosta de falar nisso!

ADAUTO

O Sol se põe daqui a pouco, e Joana ainda não voltou. É perigoso andar por aí, com a Polícia em todo canto!

ABEL

Não se preocupe, Joana sabe o que faz!

ADAUTO

Quando o Sol queima assim, é muito difícil encontrar os caminhos!

ABEL

Ainda é de dia, meu irmão!

ADAUTO

E o Sol cega meus olhos! Veja a Pedra!

ABEL

Que tem ela?

ADAUTO

Está olhando para nós! Parece viva, certas horas!

ABEL

Por quê?

ADAUTO

Às vezes, venho para cá, de noite. Todos estão dormindo. De dia, não, mas de noite, este lugar, com a Lua, parece o mais silencioso do mundo. E a Pedra ganha vida, como se no seu interior houvesse coisas que não podemos ver... porque somos indignos disso!

ABEL

Eu sinto alguma coisa parecida! Às vezes, perco a esperança. É preciso esculpir o Anjo, mas, talvez por causa de tudo o que aconteceu aqui, a Pedra é insensível ao nosso esforço e ao nosso sofrimento!

ADAUTO

Não diga isso nunca, meu irmão! Nosso Pai é quem sabe o que ela significa. Esta Pedra vale muito: com ela, podemos encontrar a salvação!

ABEL

Nosso Pai só pensa no trabalho. Construir o Anjo é tudo, para ele!

ADAUTO

Eu acredito em meu Pai! Na Pedra, existem muitas coisas escondidas! Nela podemos achar um outro mundo. Um mundo onde é possível descobrir aquilo que nós somos, na verdade!

ABEL

Você acredita nisso?

ADAUTO

Acredito! É preciso construir o Anjo. Trabalhar! Achar uma vida mais sincera do que esta!

ABEL

Você acha falsa, a sua?

ADAUTO

Vejo tantas coisas! Visões capazes de envenenar meu sangue!

ABEL

É por causa do sangue que se derramou aqui! Não tenha medo!

ADAUTO

É uma maldição! Veja: antes de se pôr, o Sol vai me queimar!

ABEL

É somente mais um dia que se acaba!

ADAUTO

Eu tenho medo do Sol! Por quê? Por que isso, meu irmão?

ABEL

Não sei! Mas é possível vencer o medo!

ADAUTO

Sim, é possível. Às vezes, consigo vencê-lo! Então tudo fica sereno de repente, e eu consigo esquecer meus sonhos.

ABEL

Cada um de nós tem os seus.

ADAUTO

A noite é sempre mais sossegada, sem o Sol, a Terra não sofre mais. A de ontem começou mal, mas depois ficou clara e sossegada pela Lua.

ABEL

Você viu alguma coisa, na luz da lua?

ADAUTO

Vi, mas era uma coisa boa! Foi um Anjo, que eu vi, como se o nosso já estivesse pronto! A princípio, tive medo: “o Anjo tinha seis asas; com duas cobria o rosto, com duas o sexo e com as outras duas voava. À voz de seus clamores as Pedras se cobriam de fumaça. Então, eu disse: — ‘Ai de mim, estou perdido! Sou homem de lábios impuros, e vivo no meio de um Povo de lábios impuros.’ Nisto, o Anjo voou para junto de mim, trazendo na mão uma brasa, e com ela queimou meus lábios. Então não tive mais medo.”

CÍCERO

Os Anjos são perigosos. Por isso, eu ficava mais tranquilo quando vocês estavam fazendo, na Pedra, esta Sagrada Família que hoje está aqui. Foi um Anjo que nos expulsou do Paraíso, e eu gosto mais da Sagrada Família, porque ela já nos fala do Cristo.

ADAUTO

Parecia tudo tão claro! Eu fui até aquele pedaço de mato que tem ali. De repente, a Lua saiu das nuvens e eu vi o Anjo voando para o alto das Pedras.

ABEL

Ele falou com você?

ADAUTO

Não. Por enquanto, não se pode falar com ele: ainda é feito de pedra.

ABEL

O que é que você espera dele?

ADAUTO

Não sei. Ontem, tudo estava claro. Mas hoje o Sol me cegou de novo!

ABEL

Sossegue! Quando Joana voltar...

ADAUTO

Não fale disso a Joana!

ABEL

Você não gosta dela?

ADAUTO

Gosto. Mas é filha de Ezequiel, e não quero falar com ela sobre o Anjo. Onde ficou Joana?

ABEL

Não sei.

ADAUTO

É claro que você sabe! E eu, pelo menos desconfio! Passei a noite acordado e ouvi vocês dois conversando até tarde. Onde está Joana? Você sabe, não negue!

ABEL

É verdade. Ela foi...

ADAUTO

Ver as terras de baixio que ficam abaixo da Serra, não foi?

ABEL

Foi.

ADAUTO

Vocês não têm nada a fazer ali, seu trabalho é o das Cabras. Outra coisa: não pense que vocês dois vão nos deixar agora!

ABEL

Por que você diz isso?

ADAUTO

Porque seu lugar é aqui!

ABEL

Não quero mais viver nestas Pedras!

ADAUTO

Não é que você não queira, é que não pode! Não tem coragem para isso!

ABEL

Você está aprisionado pelas pedras; e eu é que sou covarde?

ADAUTO

Eu nunca sairei da Pedra do Reino! Foi aqui que o Anjo apareceu! E aqui está a Pedra de onde hei de arrancá-lo de novo. Entendeu? Eu nunca sairei deste lugar! Aqui hei de ficar para sempre!

COREUTA, *cantando*.

“Não direi de Joana Temerária
sequer as culpas mínimas
e os padecimentos menores.
Direi que ela era semáfora:
daí as grandes perturbações
mas rotas de Palhano.”

CORO

“De seu secreto pendor
para vestidos vermelhos
e alvas combinações
surgiu-lhe o primeiro amante.”

COREUTA

“E foi uma consumação:
o mangue fedia a um mar afogado
e os homens eram feras castigadas.”

Entra JOANA. ABEL corre para ela e abraça-a.

ABEL

Você voltou! Viu as terras do baixio?

JOANA

Vi! As terras e o rebanho de Cabras pastando nelas!

ABEL

O espírito de Deus habita lá!

ADAUTO

Por que você saiu daqui sem dizer nada a meu Pai?



JOANA

Eu precisava ver aquela terra. E você deve ir lá, também.

ADAUTO

Tudo o que eu quero está aqui! Vocês vão ser amaldiçoados!

JOANA

Não importa! Ontem, estava com medo. Depois, desci a Serra, e, quando cheguei lá, tudo ficou em paz de repente!

ABEL

Como a noite, quando vem baixando. Cheia de sombras, no começo. Depois, a Lua ilumina tudo, dando paz à Terra.

JOANA

Quero ir para lá, com você!

ABEL

Antes, é preciso falar com meu Pai.

ADAUTO

Então vocês vão dizer a ele?

JOANA, *tensa*.

O quê?

ADAUTO

Que querem deixar a Pedra do Reino! (JOANA *parece aliviada*.) Meu Pai não deixa, este lugar é sagrado!

ABEL

Você não conhece aquela terra, meu irmão! Nós iremos para lá, Joana. No mato, os troncos são altos, e, em tempo de chuva, o Sol chega no chão já esfriado pelo orvalho das árvores. De noite, com a Lua, tudo fica cheio de sombra e luz.

ADAUTO

Os lugares em que o fogo não cortou a Pedra são malditos!

ABEL

Você não pode saber isso!

ADAUTO

Posso, sim! Sei disso melhor do que todos. Vocês não sabem até onde chega o meu poder! Joana, procure salvar-se, enquanto é tempo!

Sai.

ABEL

O que foi que ele quis dizer?

JOANA

Não sei.

ABEL

Está muito estranho, hoje! Talvez seja por causa do cerco da Polícia. Mas ele ouviu nossa conversa, ontem à noite. E não quer que eu saia daqui. Acho que é por causa da promessa de meu Pai.

JOANA

Não, ele sempre foi estranho! E assim ficará até que...

ABEL

Até o quê, Joana?

JOANA

Não sei! Mas é melhor não sairmos daqui!

ABEL

Se ficarmos, teremos de renunciar à vida. Está com medo?

JOANA

Com você, tenho coragem. Mas, quando estou sozinha, toda claridade vai embora. O mundo fica como se todas as pessoas fossem sombras, sombras sem rosto, caminhando na escuridão. (*Abraça-o.*) É a você que eu amo, nunca se esqueça disso! Você vai esquecer!

ABEL

Não esquecerei nunca, Joana. Lá, em nossa terra, a coragem lhe será dada!

JOANA

Não me deixe sozinha novamente!

ABEL

Você não ficará só nunca mais! Irá comigo para a terra!

JOANA

O amor pode trazer a destruição e a morte. Mas não com você; e só muito tarde é que descobri isso!

ABEL

Você sempre se entendeu melhor com meu irmão.

JOANA

É verdade! Por quê? Por que foi sempre assim?

ABEL

É porque seu mundo é mais parecido com o dele do que com o meu, Joana.

JOANA

Mas é a você que eu amo!

ABEL

É este lugar que nos dilacera! Será diferente, nas terras lá de baixo.

JOANA

E se seu Pai não nos abençoar? Este lugar é sagrado para ele!

ABEL

Nós iremos de qualquer maneira. Só assim ficaremos livres; eu, do pesadelo destas pedras; você, de suas noites povoadas de sombras.

Entra ELIAS.

ELIAS

O Sol já está baixando, e você hoje não trabalhou nas pedras. Por quê?

ABEL

Fui cuidar das Cabras. É preciso que alguém faça isso.

ELIAS

Não vejo por quê!

ABEL

Nós precisamos viver, meu Pai!

ELIAS

Somente o essencial; e quanto mais dificilmente, melhor. Nós temos que ser duros. Duros como a Pedra que nos foi dada. Quanto a cuidar da terra, as Cabras são melhores do que os roçados. Mas lembre-se de que as forças do Mal podem estar escondidas naquele modo de vida.

ABEL

Até agora não fiz nada que me possa ser censurado!

ELIAS

Eu sei, mas é preciso estar atento. Conosco, tudo é mais difícil, tudo se pode exigir de nós. As pedras nos foram dadas, a nós somente!

JOANA

A vida também nos foi dada para que a vivêssemos.

ELIAS

Sim, a vida. Mas é preciso vivê-la no mais alto! E isto só é possível aqui, cortando as pedras. Os outros não são capazes disso! Por quê? Porque não têm força. Não têm coragem de enfrentar uma vida dura como a nossa. Minha família tem coragem! Eu, meus filhos, e você também, Joana!

ABEL

Não vejo mal em se cuidar das Cabras, meu Pai!

ELIAS

Sim, temos que fazer isso, mas o trabalho da Pedra é que é sagrado. Nós não somos como os outros. Que é que você está querendo dizer?

JOANA

Tem de haver quem cuide dessa parte!

ELIAS

Sim, mas sabendo que a vida verdadeira é a outra!

ABEL

Todos nós temos uma construção a realizar.

ELIAS

Sim, é isto, meu filho! O trabalho das pedras. Cheguei a pensar que...

JOANA, *tensa*.

O quê?

ELIAS

Nada, nada! Já estou ficando velho...

ABEL

Por que você diz isso?

ELIAS

O trabalho está me deixando cansado. Bento gritou a noite toda, e eu não ouvi: estava cansado, e não acordei.

ABEL

É verdade, o Doido passou a noite inquieto. Parece sofrer muito.

ELIAS

E eu nada fiz para ajudá-lo: seu irmão foi quem passou a noite com ele. É por isso que digo: está chegando a hora de alguém me substituir.

JOANA

Ezequiel pode tomar conta de Bento.

ELIAS

Não é só do Doido que estou falando: quero que alguém fique no meu lugar, substituindo-me em tudo.

ABEL

Vai deixar o trabalho?

ELIAS

Deixar o meu trabalho! Como pode pensar numa heresia como essa? Hei de morrer com o martelo na mão. Mas como Ajudante. Não quero continuar como Mestre.

JOANA

Depois de trabalhar tanto?

ELIAS

Minha hora já passou! Uma vez, há muito tempo, passei dias inteiros ajoelhado aqui. A terra estava seca, tudo vermelho. Então, de joelhos, procurei resposta e alívio para muitas coisas. E foi-me dado pressentir tudo o que estava escondido aqui nestas Pedras, que o fogo de Deus tinha cortado e que nós deveríamos continuar cortando, na procura!

JOANA

Pode-se viver em qualquer lugar!

ELIAS

Não. Você não sabe do que está falando, Joana. Precisa de alguém para guiá-la. Até agora, eu me encarreguei disso. Mas não posso mais. Abel, meu filho, venha cá.

ABEL

Que quer, meu Pai?

ELIAS

É tempo de você assumir o meu lugar. Trabalhei durante muito tempo. Estou velho e quero investi-lo das minhas obrigações.

ABEL

Meu irmão é melhor do que eu, para isso.

ELIAS

Não, ele é inquieto demais, também precisa de que alguém o conduza. Quero que você, mesmo mais moço, passe a ser o Pai de todos. E não se esqueça de Bento, tenha mais cuidado com ele.

JOANA

Não pode ser, Abel é muito moço para isso! É cedo!

ELIAS

Não, não é cedo. Comecei o trabalho muito moço, também. Esperei por este dia muito tempo, preparei vocês para ele!

ABEL

Espere pelo menos até acabarmos o trabalho! Você, que começou tudo, tem o direito de levar o Anjo lá para cima, quando tudo estiver pronto!

ELIAS

Não, não tenho esse direito.

JOANA

Por quê?

ELIAS

Eu mesmo decidi assim, e o motivo só a mim interessa. Não posso mais adiar nada, principalmente com a Polícia aí. Digam aos outros: a cerimônia será junto às Pedras, quando o Sol se puser.

JOANA *corre para* ABEL *e abraça-se com ele.*

ABEL

Pai!

ELIAS

Que há?

ABEL

Peça a meu irmão para substituí-lo!

ELIAS

Já lhe disse que não. Já resolvi, tem que ser você.

ABEL

Não posso, meu Pai!

ELIAS

Não pode por quê?

ABEL

Vou deixar a Pedra do Reino.

ELIAS

Vai deixar a...

ABEL

Vou, meu Pai. Não posso mais viver aqui, e vou-me embora.

ELIAS

Você só sai daqui depois que eu morrer!

ABEL

Não diga isso!

ELIAS

Não se atreva! Vocês não sabem de nada: tenho minhas razões e basta!

ABEL

Não basta, meu Pai! Eu nunca fui feliz aqui.

ELIAS

Ninguém é feliz em canto nenhum! É preciso aceitar o destino que nos foi dado.

ABEL

Não. Nós temos o direito de procurar outro.

ELIAS

Nós? Você e quem mais?

JOANA

Não diga!

ELIAS

Fale, diga quem é!

ABEL

Joana vai comigo!

ELIAS

Ah, então é isso! O demônio da carne!

ABEL

Demônio? O que não posso é suportar mais a solidão em que vivi até agora, encerrado entre estas Pedras.

ELIAS

O demônio da carne! Covarde!

ABEL

Por que me chama de covarde? Por causa da Polícia?

ELIAS

Não, sei que dela você não tem medo. Está fugindo de outra coisa!

ABEL

Se estou, é de suas visões!

ELIAS

Então meu Anjo é somente uma visão...

ABEL

Se não é, me explique a razão da vida que levamos aqui! Por que vivemos aprisionados, trabalhando dia e noite nestas Pedras? Onde está minha Mãe? Quem é o Doido, na verdade?

ELIAS

Você não tem o direito de saber!

ABEL

Então vou construir minha vida longe daqui. Vou para os baixios, com Joana.

ELIAS

A responsabilidade da decisão é sua! E você vai fraquejar!

ABEL

Estamos decididos, meu Pai. Mas peço uma derradeira bênção sua. Já que vamos embora, quero ir com nossa união abençoada. Quero que Joana seja minha mulher.

ELIAS

Não! Já que abandonam tudo, eu também renego vocês. Tenho somente um filho, agora. Deixar um lugar sagrado como este por uma terra maldita!

ABEL

Não diga isso, meu Pai!

ELIAS

Digo, sim, porque é verdade! Malditos sejam, a terra e vocês dois! Saiam daqui!

ABEL

Está bem, meu Pai: sairemos hoje à noite.

ELIAS

Se vocês se arrependerem, tudo será esquecido, e o casamento de vocês será celebrado por Cícero perto das Pedras. Se não, saiam sem se despedir, não quero mais vê-los. Adeus!

Sai.

ABEL

Não tenha medo, Joana! Agora é que a nossa vida vai começar!

JOANA

Estava com medo, mas agora irei com você.

ABEL

Pense naqueles baixios cobertos de Cabras, a terra como uma mulher deitada, com o ventre pulsando, e nós construindo uma vida em comum, juntos para a vida inteira...

JOANA

Não pode ser uma vida maldita, essa!

ABEL

Sairemos assim que a Lua aparecer. Vamos, nem que seja ao encontro da Morte.

JOANA

Não fale na morte, agora!

ABEL

Não tenha medo dela, Joana. A Morte pode nos trazer a mesma sensação de paz da terra. É como se mergulhássemos na fonte de seiva da Vida!

Um grito, e BENTO, o DOIDO, entra, perseguido por ADAUTO.

BENTO

Minha força não é a força da Pedra!

CÍCERO

“É, porventura, a minha força a força da Pedra?”

CORO

“Tenha pena, grande Comandante, dos homens de barro!”

ABEL

O que é que Bento faz aqui? Que foi que houve?

ADAUTO

Eu estava trabalhando com ele, na cerca de pedra. De repente, começou a gritar e correu. Não pude segurá-lo.

ABEL

Quando fica assim, a gente precisa redobrar o cuidado. Quando ele avista as pedras, piora.

ADAUTO

E é você quem se atreve a me dar conselhos?

BENTO

É? Minha força é a força da pedra?

ADAUTO, *olhando para* ABEL.

Não, não é! Nem todo mundo tem a força da pedra!

ABEL

Nem todo mundo tem é a coragem de viver como quer!

ADAUTO

Eu tenho a vida que quero. E não aceito nada de quem nos abandona!

JOANA, *para* BENTO.

Venha, você não deve ficar aqui!

ADAUTO

Só saem daqui os covardes! (*Para* BENTO.) Venha, venha comigo!

BENTO

Não quero mais estas pedras! Não posso mais! Não fico mais aqui: minha força não é a

força da pedra! Não posso mais!

Sai, levado por ADAUTO, que o conduz meio a força.

JOANA, *abraçando* ABEL.

Nós não devemos ir, é melhor ficar!

ABEL

O medo voltou?

JOANA

Sim, voltou! Tenho medo de ver minha alma aprisionada.

ABEL

Quem pode aprisionar sua alma, Joana? As pedras?

JOANA

Não, os fantasmas do passado.

ABEL

Eu livrarei você deles.

JOANA

Você terá forças para isso? Sejam quais forem? Tenho medo de que eles nos destruam!

ABEL

Nenhum fantasma tem força contra o lado de Deus! Meu Pai não quis abençoar-nos, então eu assumo a responsabilidade. Aqui, diante da Sagrada Família! Agora, você é minha mulher diante de Deus, Joana!

JOANA

Só você pode me salvar!

Saem os dois, abraçados.

CÍCERO

“Ouvi uma revelação, e meu ouvido captou seu murmúrio.”

CORO

“Quando o sono cai sobre o homem, surgem visões noturnas, de pesadelo.”

CÍCERO

“Tremor e terror apossaram-se de mim, um frêmito sacudiu meus ossos.”

CORO

“Pode um homem ser justo diante de Deus? Pode um mortal ser puro diante de seu Criador?”

ADAUTO, que permaneceu em cena, enquanto o CORO fala, fica com o martelo e o cinzel, mas trabalha como sem convicção. JOANA entra e, sem ser vista por ninguém, esconde-se atrás de uma das esculturas da Sagrada Família. Depois de alguns instantes, entra ABEL.

ABEL

Você falou com nosso Pai? Ele está querendo que você tome o lugar de Mestre.

ADAUTO

Agora, depois que você o recusou!

ABEL

Você vai aceitar?

ADAUTO

Vou! Não, não sei! Quando é que vocês dois vão embora?

ABEL

Quero sair com a Lua, foi o que combinei com Joana. Mesmo caminhando devagar, dá para chegar ao pé da Serra de manhã cedo.

ADAUTO

E meu Pai?

ABEL

Disse que, se nós nos arrependêssemos, tudo estaria esquecido. Se não, saíssemos sem vê-lo. Meu irmão, o que é que você pensa da nossa ida?

ADAUTO

Você deve ir, e logo! Vá, enquanto é tempo!

ABEL

Você mudou de opinião e eu lhe agradeço por isso. Você compreendeu, e com isso voltou a confiança e amizade que sempre existiram entre nós! Foi por causa do Anjo que lhe apareceu aqui?

ADAUTO

Não fale mais nisso! Essas coisas não lhe pertencem mais!

ABEL

Por que não? Tudo o que lhe toca faz parte da minha vida. Você não sente isso?

ADAUTO

Mais do que você imagina!

ABEL

Pois não é? O Anjo apareceu aqui. Você deve encontrá-lo novamente, desta vez por seu esforço, trabalhando a pedra. A mesma coisa eu farei lá, com as Cabras: a terra é, para mim, o que a pedra é para você.

ADAUTO, *acariciando o granito.*

A pedra! Sonhei com ela muito tempo! A pedra me aparecia sempre como a porta de outro Reino... Um Reino de forças aprisionadas, que eu devia encontrar e libertar!

ABEL

Sim, é isso, forças aprisionadas... Nós somos assim, é a força do sangue do nosso Pai. Para onde foi Joana?

ADAUTO

Não sei.

ABEL

Temos que nos preparar porque daqui a pouco o Sol se põe.

Sai. Entra JOANA.

ADAUTO

Você! Que faz aqui? Queria ouvir nossa conversa, não era?

JOANA

Era, sim!

ADAUTO

Meu irmão não confia tanto em você? Ele lhe contaria tudo, depois!

JOANA

Preciso de sua ajuda, Adauto. Tenha compaixão, tenha misericórdia!

ADAUTO

Você não tem nada a temer.

JOANA

Quero largar tudo e começar outra vida!

ADAUTO

Com ele?

JOANA

Sim!

ADAUTO

E que é que eu tenho a ver com isso?

JOANA

Não é preciso que eu diga. Você sabe!

ADAUTO

As coisas são muito fáceis: uma pessoa não nos interessa mais, abandoná-la é o que se deve fazer!

JOANA

Não, não é assim!

ADAUTO

Foi isso o que ouvi de você, há tempo: a vida era para os que tinham coragem! Coragem de quebrar a lei que tolhe os demais!

JOANA

É preciso perdoar e esquecer!

ADAUTO

Existem coisas que não podem ser esquecidas.

JOANA

Não há esperança, portanto: você quer a nossa destruição!

ADAUTO, *num impulso, segurando-a pelos ombros.*

Joana, fique comigo!

JOANA

Não posso!

ADAUTO

Por quê?

JOANA

Minha fonte secou. Tenho que procurar a nascente, para que ela brote de novo!

ADAUTO

Você pode fazer isso aqui, Joana! Fique comigo! Só com você é que poderei achar o que procuro!

JOANA

O que é que você procura?

ADAUTO

Diga que fica. Somente depois é que posso contar-lhe meus sonhos!

JOANA

Não posso ficar.

ADAUTO

Você ama Abel, não é?

JOANA

Amo, sim.

ADAUTO

Então, vá pedir ajuda a ele. Fale das coisas que você me ensinava antes!

JOANA

Eu mudei, Adauto!

ADAUTO

Ah, mudou... E por que está enganando Abel?

JOANA

Eu não estou enganando ninguém!

ADAUTO

Então explique por que se escondeu para ouvir nossa conversa. Estava com medo do que eu poderia contar a ele, não era? O fato de ocultar a ele o que aconteceu já é uma traição. Vocês vão começar a nova vida mergulhados na mentira! É a lama, a maldição da terra e do barro!

JOANA

Não tenho mais nada a fazer aqui. Adeus!

ADAUTO

Não, não diga adeus: a noite que vai levá-la daqui pode reconduzi-la de volta. Você não

poderá fugir, sua alma também é de pedra!

JOANA *sai, desesperada.* ADAUTO *acompanha-a um pouco. Depois, para de repente e cobre o rosto com as mãos, murmurando* “Meu irmão!”. *Entra* EZEQUIEL.

EZEQUIEL

Seu irmão já saiu?

ADAUTO

Não, só vai depois que anoitecer. Está esperando a Lua.

EZEQUIEL

A Lua... Quando ela aparece como ontem fica boiando no sangue da gente!

ADAUTO, *fascinado.*

No sangue...

EZEQUIEL

É muito poderosa, a força do sangue!

ADAUTO

Você não pode saber!

EZEQUIEL

Por quê?

ADAUTO

Porque seu sangue não é o meu!

EZEQUIEL

Seu sangue?

ADAUTO

Sim! Sentir em nosso sangue forças desconhecidas, que se despedaçam entre si!

EZEQUIEL

É preciso domá-las!

ADAUTO

Sim, domá-las, castigando o sangue contra as pedras! É preciso destruir as feras!

CORO, *recitando*.

“Não está o homem condenado a trabalhos forçados, na terra? Não são seus dias os de um mercenário?”

CÍCERO, *recitando*.

“Farás uma aliança com as pedras do campo, e não temerás as feras selvagens.”

COREUTA, *recitando*.

“Como o escravo suspira pela sombra, como o assalariado espera sua paga, assim tive por herança meses de decepção, e couberam-me noites de pesar.”

CORO, *recitando*.

“Quando te deitas, pensas: *Quando virá o dia?* E quando te levantas: *Quando chegará a noite?*”

CÍCERO, *recitando*.

“E, então, loucos pensamentos te invadem, até que o Sol se põe.”

EZEQUIEL

Sim, você deve destruir seu sangue.

ADAUTO, *embriagado*.

Destruir meu sangue...

EZEQUIEL

Seu sangue que vai traí-lo! Que, na verdade, já traiu!

ADAUTO

Eu nunca fui traído!

EZEQUIEL

A noite de ontem caiu de repente, não foi?

ADAUTO

Foi. Tudo se encheu de sombra e de escuridão.

EZEQUIEL

Quando o Sol se escondeu, vi seu irmão e Joana.

ADAUTO

Que é que você quer dizer com isso?

EZEQUIEL

Ele fez de Joana sua mulher; aqui, na força da Lua!

ADAUTO

É mentira! Somente hoje é que ele fez isso, e diante de Deus!

EZEQUIEL

Não, desde ontem que Joana é a mulher dele. Vi tudo!

ADAUTO

Então é preciso castigar meu sangue!

EZEQUIEL

Hoje, seu irmão falou da morte!

ADAUTO

Não! O castigo sim, mas a morte não!

EZEQUIEL

A morte, sim! Ele falou dela com o mesmo amor com que fala da terra!

ADAUTO

Da terra!

EZEQUIEL

Sim, da terra maldita! Falou de você com Joana, os dois rindo de seus sonhos com a pedra!

ADAUTO

Não é verdade!

EZEQUIEL

Você sabe que é verdade! É preciso destruir seu sangue, livrá-lo da lama da terra!

ADAUTO sai, bruscamente. Entra BENTO, que vai até a pedra.

BENTO, sombrio.

A pedra!

EZEQUIEL

Sim, meu irmão! É tempo de começar nossa vingança! Contra as pedras e contra eles!

BENTO

Contra eles?

EZEQUIEL

Sim, você não se lembra mais?

BENTO

Não me lembro de nada! Minha alma está ferida pelas pedras!

EZEQUIEL

É preciso lutar contra isso!

BENTO

Os homens foram feitos de barro! De noite, sinto a terra me chamando, o barro do meu corpo quer voltar. Quero voltar ao barro!

EZEQUIEL, *tapando-lhe a boca.*

Não grite, meu irmão! Vamo-nos vingar hoje!

BENTO

Nós não temos força contra a Pedra! Estamos presos por ela. Veja, estas figuras somos nós! Nunca sairemos daqui!

EZEQUIEL

Um dos dois irmãos quer se libertar!

BENTO

Sim, aquele que vai voltar para a terra.



EZEQUIEL

Mas os outros também são feitos de barro.

CÍCERO

“No tempo em que Deus fez a terra, ainda não tinha feito chover sobre ela e não havia o Homem para cultivá-la.”

CORO, *recitando*.

“Entretanto, um manancial corria na Terra e regava a sua superfície.”

CÍCERO, *recitando*.

“Então Deus modelou o homem com o barro do chão. Insuflou em suas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente. E Deus tomou o Homem e o colocou no Jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo. E deu ao homem um mandamento:”

CORO, *recitando*.

“Podes comer de todas as árvores do Jardim. Mas da árvore do Bem e do Mal não comerás: porque no dia em que dela comeres haverás de morrer.”

CÍCERO

Isto significa que o grande pecado do homem é querer decidir, sem Deus, o que é Bem e o que é Mal.

EZEQUIEL

Sim, nós nos vingaremos deles. Pensam que são maiores do que nós, mas o barro que está em seu sangue será castigado.

BENTO

Você vai se vingar hoje?

EZEQUIEL

Eu, não: nós dois! Todos estes anos de sofrimento, eles vão nos pagar antes que anoiteça!

BENTO

Não me lembro de nada! Quero viver em paz, na terra!

EZEQUIEL

Depois! Daqui a pouco um deles vem aqui, olhar a Pedra.

BENTO

É o que vai para a terra? Eu quero ir com ele, meu irmão!

EZEQUIEL

Não! Depois, iremos nós dois, juntos. Mas o que vem é o outro. Fale com ele, Bento. Diga como se sente sobre a terra, sobre o barro do nosso sangue. Você diz?

BENTO

Digo. Gosto de falar na terra. É como se ela começasse a cantar. A música da terra sobe pelos nossos pés e chega até o coração.

EZEQUIEL

Fale com ele sobre isso, e nós nos vingaremos. Não se esqueça, ele chega já!

Sai. Entra ADAUTO, que fica olhando BENTO, enquanto ele fala para as esculturas.

BENTO

Homens de pedra... Nós não somos feitos de pedra, todos nós temos barro no sangue. Vejam: nossa carne é feita de barro!

ADAUTO

Que é que você está fazendo aqui?

BENTO

Você não foi embora... É a força das Pedras!

ADAUTO

Não, eu sou o que vai ficar!

BENTO

Ah, é o que fica, o homem de pedra!

ADAUTO

Por que você diz isso?

BENTO

Ninguém pode resistir a elas! Era preciso que nossa carne não tivesse a lama da terra!

ADAUTO

Você não sabe o que está dizendo!

BENTO

Sei, eu sei o que é o barro! Ele nos chama, de noite, cantando a canção da terra.

ADAUTO

Ela é cantada só para os covardes!

BENTO

Não: espere uma noite sem lua, que você vai ouvir a terra cantando.

ADAUTO

Uma noite sem lua!

BENTO

Sim! Nas noites de lua a terra se cala e as pedras ganham força: porque a Lua também é de pedra!

ADAUTO

É verdade: tem noites em que a Lua parece de pedra!

BENTO

Ela pode ferir a nossa carne, e castigar nosso sangue!

ADAUTO

Castigar o sangue!

BENTO

Derramado, ele volta para a terra!

ADAUTO

“Ao seio da terra voltaremos!”

BENTO

O sangue tem saudade da terra.

ADAUTO, *agarrando-o*.

Cale essa boca amaldiçoada!

De repente, ele o solta e esconde-se por trás das esculturas. Entra ELIAS. Ao ver

BENTO, fala-lhe com doçura.

ELIAS

O que é que você está fazendo aqui, só?

BENTO

Vim para me vingar.

ELIAS

Não diga isso! Vingar-se de quê?

BENTO

Não me lembro mais. Diga de que é?

ELIAS

E eu sei? É melhor que você esqueça essas coisas!

BENTO

Às vezes, tento me lembrar, mas não posso! Aí quero esquecer, mas não posso!

ELIAS

Você não tem nada do que se lembrar. Veja se pode ser feliz assim. Aqui você viverá em paz. Eu e meus filhos cuidaremos de você.

BENTO

Um deles vai voltar para a terra!

ELIAS

A terra é amaldiçoada!

BENTO

Eu já vivi lá, na terra! Ou não? Um dia saberei.

ADAUTO *sai de seu esconderijo.*

ELIAS

Você estava aí?

ADAUTO

Sim, estava com ele.

ELIAS

E seu irmão?

ADAUTO

Vai sair quando a Lua aparecer.

ELIAS

Ele está mesmo resolvido? Vai de qualquer maneira?

ADAUTO

Vai. Vai voltar para a terra ainda hoje.

ELIAS

Você falou de maneira estranha... Que há?

ADAUTO

Tudo parece estranho, hoje. Principalmente aqui, junto das Pedras!

ELIAS

Ele me traiu! E numa situação dessas, com a Polícia nos cercando! Não importa! Mesmo que todos me deixem, ficarei. Sozinho, terminarei o trabalho!

ADAUTO

Você tem outro filho, meu Pai. E, apesar de sempre ter preferido o outro, eu é que sei o que estas pedras significam!

ELIAS

E Joana! Eu esperava tanto dela! Queria vê-la casada com um de vocês; mas aqui, continuando o nosso trabalho. E ela vai-se embora!

ADAUTO

Não, meu Pai, Joana vai ficar!

ELIAS

Como é que você sabe? Ela lhe disse alguma coisa?

ADAUTO

Não, é somente uma impressão minha.

ELIAS

Ela vai. Ama seu irmão.

ADAUTO

Joana não ama ninguém, meu Pai!

ELIAS

Ela mesma disse aqui que ia. Mas nós dois continuaremos. Vou continuar como Mestre mais algum tempo. Depois, você toma o meu lugar. Quer?

ADAUTO

Você é quem sabe. Mestre ou não, hei de arrancar meu Anjo da pedra!

ELIAS

Seu Anjo?

ADAUTO

Sim. Também vi um Anjo, era como se o nosso já estivesse pronto! Hei de reconstruir o que vi, cortando as pedras!

BENTO

Nós não somos feitos de pedra. Não queira se castigar contra elas!

ELIAS

Não escute, meu filho! Você deve continuar. Nós temos uma dívida, e ela exige pagamento!

BENTO, *para* ELIAS.

Você é como estas pessoas de pedra! Um dia, todos verão: as pedras da Lua vão esmagar vocês!

ELIAS

Vá descansar! Saia, é preciso descansar! (*Para* ADAUTO.) Leve Bento daqui, ele fica perturbado pelas esculturas.

BENTO, *enquanto* ADAUTO o conduz.

Quero voltar para a terra! Vocês todos serão esmagados!

Saem. Volta ADAUTO.

ELIAS

Ele não sabe o que diz! Vamos continuar nosso trabalho!

ADAUTO

De que é que ele pretende se vingar?

ELIAS

Não sei. É coisa de doido: faz muito tempo que ele fala nisso!

ADAUTO

E quem é esse doido, na verdade, meu Pai? De onde ele veio? Que faz aqui, conosco?

ELIAS

É cedo ainda, meu filho. Quando você for o Mestre, saberá de tudo. Quanto a seu irmão, diga-lhe que ainda é tempo para se arrepender.

Sai. De repente, como se tivesse ouvido algo, ADAUTO esconde-se de novo atrás das pedras. Entram JOANA e ABEL.

ABEL

Assim que o Sol se esconder, vamos sair. Só espero a Lua se ela sair como ontem.

JOANA

De repente, tudo me parece estranho! Como se eu nunca houvesse estado aqui!

ABEL

O medo não nos perseguirá nunca mais. É o nosso último instante neste lugar!

JOANA

E seu Pai?

ABEL

Não nos verá nunca mais! Mas vá procurar meu irmão. Quero despedir-me dele.

JOANA

Não! Não quero mais vê-lo!

ABEL

Você tem alguma coisa a temer de Adauto?

JOANA

Não.

ABEL

Então vá! Quero que ele assista a nossa partida.

Sai JOANA. *Entra* ADAUTO.

ADAUTO

Estou aqui, meu irmão!

ABEL

Ah, é você. Pedi a Joana que fosse procurá-lo, queria me despedir de você. A Lua sai daqui a pouco!

ADAUTO

A Lua! À noite, ela penetra em nosso corpo e queima nosso sangue!

ABEL

Por que você diz isso?

ADAUTO

Você sabe! Se acontece comigo, acontece com você também: nosso sangue é o mesmo.

ABEL

É assim que você se sente?

ADAUTO

Como não havia de me sentir? No meu sangue, falta qualquer coisa!

ABEL

Que é isso? O que é que você tem?

ADAUTO

Você nunca entenderá nada! Sentir, dentro de nós, forças aprisionadas, que querem se libertar!

ABEL

É atrás da libertação que vou caminhar agora!

ADAUTO

Eu sou muito diferente de você e minha resolução é outra!

ABEL

Eu sei! E além disso, tenho Joana.

ADAUTO

Ela vai, mesmo, com você?

ABEL

Vai.

ADAUTO

Vão atender ao chamado maldito da terra! É preciso resistir. Temos de castigar nosso sangue contra as pedras!

ABEL

Não, meu lugar não é aqui. Tenho que ir para a terra que me chama!

ADAUTO

Então, vá. Entregue à terra a parte do meu sangue que ouve seu chamado! Mas, antes de ir, vamos trabalhar na pedra juntos, pela última vez. Tome este martelo, eu ficarei com o outro.

ABEL

Sim, é a última vez...

Empunha o martelo e aproxima-se da Pedra, que oculta seu tronco quase todo.

ADAUTO aproxima-se dele, por trás.

ADAUTO

Aí, sobre a Pedra! Meu sangue deve ser castigado contra ela. Derramado, ele voltará ao seio da terra!

Como quem se joga num abismo, baixa a nuca do irmão e, oculto este inteiramente pela Pedra, desfere-lhe um golpe contra a cabeça. Ouve-se um gemido abafado e ADAUTO levanta novamente o martelo. Mas, de repente, para, com ele no alto, e dá um grande grito, como se fosse ele o ferido. Depois, como um sonâmbulo, enxuga o sangue do ferro.

JOANA, ELIAS e EZEQUIEL entram, alarmados.

ELIAS

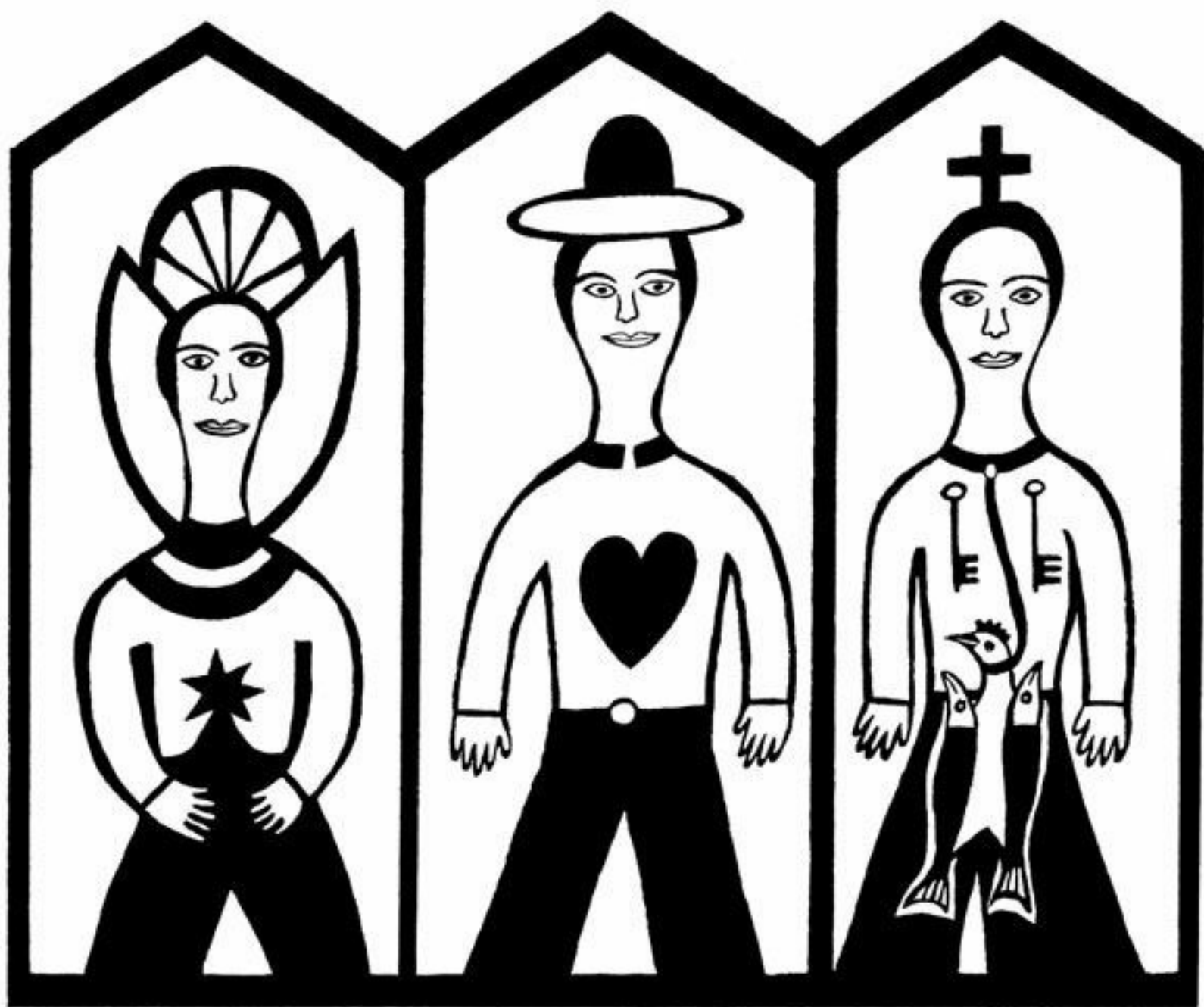
Que houve?

ADAUTO

Meu irmão!

ELIAS

Onde?



Corre para trás da Pedra, mas ao ver ABEL, recua. Ao vê-lo recuar, JOANA dá um grito e quer correr para lá, mas ELIAS impede-lhe o caminho.

EZEQUIEL

Que foi?

ADAUTO

Meu irmão quis cortar a pedra pela última vez, e ela o matou!

ELIAS

Caiu?

ADAUTO

Caiu, e a pedra o feriu na cabeça!

ELIAS

Abel foi castigado. Levem o corpo para ser enterrado ao pé das Pedras.

JOANA

Não, junto às pedras, não!

ELIAS

Junto às pedras, sim! Venha, Adauto! Joana não sairá mais daqui! Estamos todos pagando culpas antigas. Vocês ficam aqui, velando o corpo de meu filho Abel.

Sai, com ADAUTO.

CÍCERO

“Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do Sol?”

CORO

“Morre o Pai, morre o filho, morre o neto, e somente a Terra permanece para sempre.”

CÍCERO

“O Sol se levanta, o Sol se deita, voltando a seu lugar, e é de lá que de novo se levanta!”

CORO

“Há um tempo para nascer, e há tempo para morrer, tempo para construir e tempo para destruir, tempo de cortar pedras e tempo para recolhê-las, tempo para curar e tempo para matar. Que proveito tira o homem de sua fadiga?”

CÍCERO

“Observo a tarefa que Deus deu aos homens: Ele também colocou a eternidade em nosso coração. Mas o homem é incapaz de atinar com o significado da obra de Deus, e não vê que sua felicidade está em alegrar-se e fazer o bem durante toda a sua vida.”

EZEQUIEL

Você vai dizer tudo, agora?

JOANA

Ninguém pode me obrigar a dizer o que não quero!

EZEQUIEL

Você é minha filha, estou apenas tentando ajudá-la.

JOANA

Não preciso de sua ajuda!

EZEQUIEL

É verdade! Já se foi o tempo em que você precisava de ajuda. Acabou-se a revolta!

JOANA

Por que não me deixa em paz?

EZEQUIEL

A paz! Você só a conseguirá quando estiver com aquele que está morto!

JOANA

Com ele?

EZEQUIEL

É preciso saber isso desde cedo. Eu não tive quem me dissesse.

JOANA

A paz está com ele, lá na terra!

EZEQUIEL

Não existe certeza nem quanto a isso. Como poderíamos saber?

JOANA

É verdade, nós nada sabemos.

EZEQUIEL

Mas aquele que morreu sabia. Uma vez ele lhe falou do repouso que a terra podia dar.

JOANA

Entrar no seio da Morte como fonte da Vida...

EZEQUIEL

Mas agora você está sozinha.

JOANA

Como poderei atender ao chamado da terra?

EZEQUIEL

Sem a ajuda dele, você nunca poderá. Agora, você está só!

JOANA

Onde ele estiver, eu estarei. Não estou sozinha!

EZEQUIEL

É verdade, o outro ainda está vivo!

JOANA

Hei de ficar com o que morreu!

EZEQUIEL

Ele não pode fazer mais nada por você. Está lá, em cima da pedra da qual sonhava se libertar.

JOANA

Vocês nunca saberão de nada, ninguém conheceu Abel como eu. Não havia ninguém como ele. A paz e a força dos rios corriam sobre mim, vindas de suas mãos!

EZEQUIEL

De que lhe servirão elas, agora?

JOANA

Ele há de me ajudar! Um dia hei de ter direito à piedade!

Entra ADAUTO.

ADAUTO

Joana, que tem você?

EZEQUIEL

Por que demorou tanto? O trabalho não pode ser interrompido!

JOANA

O irmão dele está morto, meu Pai!

EZEQUIEL

Não importa! Temos o dever de cortar a pedra, haja o que houver! É preciso continuar! E com muito mais razão agora!

ADAUTO

Por quê?

EZEQUIEL

Porque o corpo de seu irmão está em cima da pedra. Este bloco, depois de talhado, pode ajudar a fazer o túmulo dele.

ADAUTO

Quando chegar o momento de recomeçar eu saberei!

EZEQUIEL

Até parece que, de repente, o martelo se tornou maldito para você!

ADAUTO

Que é que você quer insinuar?

EZEQUIEL

Nada! Quero apenas que o trabalho recomece.

ADAUTO

Você está mentindo! O trabalho da Pedra nunca lhe importou!

EZEQUIEL

Você está enganado, eu sempre amei a Pedra! É contra ela que castigamos nosso sangue!

JOANA

Você está escondendo alguma coisa. O que é?

EZEQUIEL

Pergunte a Adauto, ele é quem sabe as histórias que aconteceram aqui. Histórias sobre o Sol e a Morte, mas acontecidas neste mundo povoado de sombras!

JOANA *vai saindo.*

ADAUTO

Joana!

JOANA

Não, deixe-me!

Sai.

ADAUTO

Você pensa que sabe alguma coisa! Mas um homem como você nunca entenderá nada! Morreu, não morreu, matou, não matou... Então é somente isso?

EZEQUIEL

De que você está falando?

ADAUTO

E o Sol? Também ele se põe, trazendo a noite, que se abate sobre nós com todas as suas sombras. E que fazem todos? Dormem! A Terra parece cheia de pessoas mortas!

EZEQUIEL

Era melhor que todos dormissem. Principalmente quando a noite ainda não chegou e a Lua não apareceu.

ADAUTO

Que adiantam a Lua e a Noite quando temos o corpo atravessado por punhais de pedra?

EZEQUIEL

Em tais momentos, punhais de pedra atravessam os corpos!

ADAUTO

O sangue de um procura completar-se com o sangue do outro.

EZEQUIEL

É então que castigamos o nosso sangue. Foi assim, não foi? Você castigou seu sangue no dele, não foi?

ADAUTO, *agarrando-o pelo pescoço.*

Não! Eu mato você!

EZEQUIEL

Não me mate! Não me mate, pelo amor de Deus!

ADAUTO

Então você tem medo da morte...

EZEQUIEL

Não posso morrer antes de achar meu Castelo!

CORO

“Nossa alma é um Castelo de puríssimo cristal, feito de muitas Moradas e em cujo centro diz Deus que encontra suas deleitações.”

CÍCERO

“Meus filhos e minhas filhas: que tal lhes parece será a importância de tal Morada, na qual um Senhor tão poderoso se deleita?”

ADAUTO

Um Castelo!

EZEQUIEL

Sim, mas ao tentar achá-lo fui impedido. Mas hei de me vingar. Hei de lutar contra a sombra até que a vingança erga as asas acima da Pedra!

ADAUTO

Isso era o que eu pensava. Mas o Sol cegou meus olhos!

EZEQUIEL

Não tenho medo da cegueira! E se algum caminho me for apontado, eu o seguirei!

ADAUTO

Mesmo que a Morte esteja no fim?

EZEQUIEL

Principalmente se ela estiver no fim!

Entra ELIAS.

ELIAS

Por que não está trabalhando?

ADAUTO

Porque não posso!

ELIAS

Não pode? Por quê? (*Olha em torno.*) Tudo parece diferente, agora! Onde está Joana? E onde estava você?

ADAUTO

Velando o corpo de Abel, como você mandou!

ELIAS

É preciso deixar de lado o que aconteceu.

ADAUTO

Ali, com meu irmão, é como se o trabalho continuasse. Ele há de nos mostrar novas forças que a Pedra esconde!

ELIAS

É preciso terminar o Anjo. Tudo mais deve ser abandonado.

EZEQUIEL

A morte pode estar até nas pedras.

ELIAS

A morte? De que você está falando?

EZEQUIEL, *apontando* ADAUTO.

Ele sabe melhor do que eu!

ELIAS

Você não tem nada a ver com isso. Meu filho está no lugar que escolheu. O outro repousa sobre a pedra que não pôde abandonar. E é só! Amanhã, o trabalho recomeça!

Sai EZEQUIEL.

ADAUTO, *a custo*.

Meu Pai, espere mais algum tempo! Não posso cortar a pedra, agora!

ELIAS

Por quê? As pedras não mudaram nada!

ADAUTO

Mudaram, meu Pai! Elas parecem feridas! Estão tocadas pela Morte!

ELIAS

Não diga isso! Nossa salvação depende delas!

ADAUTO

Não existe salvação para mim! Olhe-me, meu Pai!

Abre os braços diante de ELIAS, *que de repente recua, como quando viu o corpo de*
ABEL.

ELIAS, *a um tempo compadecido e aterrado*.

Não, não tome esse caminho, senão nos perderá a todos!

ADAUTO

Se eu me perder, irei sozinho, meu Pai!

ELIAS

Tudo cairá de novo, e só restarão ruínas!

ADAUTO

O que eu tenho é pouco, não resta mais nada para cair!

ELIAS

E os outros? Você tem que pensar em todos nós. Não podemos vacilar, meu filho. Os poderosos estão nos odiando, e até o Povo agora está dividido. Um dia, esse ódio atingirá nosso trabalho. Não temos o direito de fraquejar. Temos de cumprir nosso dever até o fim: até que a Morte nos seja dada, como as pedras o foram certa vez.

ADAUTO

E o que é que eu posso fazer, meu Pai? Estou como cego, não vejo mais nada!

ELIAS

A fé de um ajuda o outro! Na hora em que seu irmão morreu, você disse alguma coisa que me ajudou: disse que iria construir o Anjo que viu junto às Pedras. Comece este trabalho novo. Deixe que nós, mais velhos, façamos o outro, que é mais nosso do que seu!

ADAUTO

É tarde, já, meu Pai!

ELIAS

Não, não é tarde: existe toda uma vida diante de você!

ADAUTO

Não tenho mais direito a ela!

ELIAS

Por quê? Você fala como se tivesse cometido um pecado... O que foi?

ADAUTO

Você é um homem sem pecado; não sabe o que é uma pessoa viver com os olhos cheios de

sombra! É por isso que teve o direito de se lançar nesta prisão e de jogar todos nós entre estas Pedras!

ELIAS

Não diga mais nada: foi nesse tom que seu irmão falou, antes de cair e morrer!

ADAUTO

Não tenho medo da morte, meu Pai. Ela já sangrou muito tempo dentro de mim!

ELIAS

Você não vê que está caminhando para a perdição? Pegue-se de novo com as pedras!

ADAUTO

Não. Bento disse que foram as pedras que mataram meu irmão.

ELIAS

Não acredite no que Bento diz: foi seu irmão, mesmo, quem se matou, ao desafiar as Pedras.

ADAUTO

Você não pode saber. Seus olhos nunca foram como os de Abel! Os meus, sim!

ELIAS

Que têm eles, seus olhos?

ADAUTO

Nunca foram perfeitos. Procurei completá-los: mas o que fiz foi destruir a pouca claridade que me restava.

ELIAS

Você precisa de ajuda!

ADAUTO

Não, solte-me! Não preciso de ajuda de ninguém, não quero mais nada com este mundo de sombras. Meu mundo está lá, com meu irmão, na pedra!

Sai. ELIAS, só, aperta a fronte com as duas mãos. Entra Ezequiel.

ELIAS

Você, afinal! Queria falar-lhe: o que é que você anda tecendo?

EZEQUIEL

Nada!

ELIAS

Está acontecendo alguma coisa aqui! Você andou contando qualquer coisa a meus filhos!

EZEQUIEL

Não, você está enganado!

ELIAS

O passado está morto!

EZEQUIEL

É verdade, o nosso passado morreu!

ELIAS

E, se o passado está morto, não tente lembrar nada a ninguém — e muito menos a seu irmão!

EZEQUIEL

Não quero que Bento se recorde de nada!

ELIAS

É melhor para ele e para você também! Estou velho, e sinto quando os escombros se aproximam. Hei de fazer tudo para evitá-los. Não recuo nem diante da morte!

EZEQUIEL

Não é preciso matar-me: e Adauto sabe disso. Quis estrangular-me, aqui!

ELIAS

Por quê?

EZEQUIEL

Não sei!

ELIAS

São as primeiras ruínas.

EZEQUIEL

Mas ele não foi adiante. Pedi-lhe que me deixasse continuar a busca do Castelo, como ele com seu Anjo.

ELIAS

Deixe meu filho em paz. Não lhe basta o que estou vivendo?

EZEQUIEL

Basta, sim: o passado está morto! Tenho meu sonho e também hei de lutar por ele. Pode ter certeza disso! Quanto ao Castelo, não sei se terei forças: não tenho seu sangue, nem o de seu filho.

ELIAS

O sangue de meus filhos! Parece que eles herdaram a maldição do meu!

EZEQUIEL

Não seja ingrato: foi graças a seu sangue que você pôde sepultar as coisas que passaram!

ELIAS

Terão passado? Assim eu esperava. Mas agora tudo parece voltar.

BENTO *aparece, no limiar da cena.*

EZEQUIEL, *correndo para ele.*

Que faz você aqui?

BENTO

É preciso que eu me lembre de tudo... Não foi o que você disse?

ELIAS, *para EZEQUIEL.*

Eu sabia que você tinha falado!

BENTO

Algum dia, eu me lembrarei. Então você me levará para longe!

ELIAS

Você vai me pagar, Ezequiel! Agora, saia daqui com ele!

Sai EZEQUIEL conduzindo BENTO. ADAUTO sai do lugar onde estava escondido por trás das esculturas.

ADAUTO

Meu Pai...

EZEQUIEL

Você, aqui!

ADAUTO

Sim, estava escondido. Queria ouvir o que você ia conversar com Ezequiel.

ELIAS

Você não devia ter feito isso!

ADAUTO

Bento e Ezequiel são irmãos. E agora tenho que saber o resto, meu pai. Senão, seguirei meu irmão para o lugar que ele tinha escolhido.

ELIAS

A morte, a terra!

ADAUTO

Ouvi você falar no passado morto. Que passado é esse, meu pai?

ELIAS

Não posso lhe dizer nada, preciso defendê-lo contra ele. Já vivi muito tempo, meu filho, e sei quando as construções estão desmoronando. O que aparece, são ruínas e destroços.

ADAUTO

Ruínas e destroços... E o que vai nos restar?

ELIAS

Não quero saber. Hei de restituir-lhe os olhos que você perdeu!

ADAUTO

Não existe nenhuma esperança, meus olhos estão presos ao lugar em que meu irmão repousa.

ELIAS

Alguém pode lhe mostrar um caminho.

ADAUTO

Quem?

ELIAS

Joana! Quanto a isso, posso ceder e, com ela, você pode recomeçar o trabalho. Não estamos vencidos. Joana! Joana!

JOANA, *entrando*.

Que há?

ELIAS

Joana, é preciso salvar-nos!

JOANA

A destruição já se abateu sobre nós há muito tempo.

ELIAS

É preciso esquecer aquele que morreu!

JOANA

Nenhum de nós poderá esquecê-lo!

ELIAS

Você deve tentar isso com Adauto! Só assim o trabalho poderá continuar. É a última coisa que lhe peço!

Sai.

ADAUTO

O que é que você responde a isso, Joana?

JOANA

Que posso responder agora? Perdi a comunicação com as coisas do mundo!

ADAUTO

Não vejo mais nada, só você pode me guiar na sombra.

JOANA

Eu só vejo o caminho da terra.

ADAUTO

E eu, o da Pedra. Foi o caminho que meu irmão seguiu!

JOANA

Não, eu vou sepultá-lo na terra dos baixios, consinta seu Pai ou não!

ADAUTO

Então, a esperança acabou, para mim. Pensei que você era a única pessoa capaz de libertar a mim e a meu Pai.

JOANA

Seu Pai?

ADAUTO

Sim, ele disse que só você podia salvar-nos, seguindo nós o mesmo caminho!

JOANA

Seu Pai não sabe o que nos impede de seguirmos juntos! Aquilo que me marcou para sempre! Seu Pai não sabe que eu fui sua antes de pertencer a seu irmão!

ADAUTO

Não fale mais, pelo amor que nos uniu!

JOANA

Amor! Que importância tinha isso, diante de Abel? Meu amor pertenceu sempre a você...

ADAUTO

Então você ainda me ama?

JOANA

Isso não importa mais. Estou cega, como você.

ADAUTO

E não vê as chamas que me cegam? Que me cegaram de todo, naquele momento? A Lua entrava no meu sangue, e a voz não saía de meus ouvidos: “É preciso castigar o seu sangue!” Ele estava com o martelo, trabalhando a pedra. Então, empunhei o outro e castiguei meu sangue!

JOANA

Você o matou!

ADAUTO

Não sei, como posso saber? O que eu sei é que a voz do sangue de meu irmão clama por mim, desde a terra!

JOANA

Era o que eu temia há muito tempo! Estou perdida!

ADAUTO

Não, somente eu estou perdido! Você ainda pode lutar, por você e por mim!

JOANA

Não tenho mais direito a isso, a morte que você cometeu foi obra minha, também. Você o matou por causa da minha alma e do meu corpo, que sempre lhe pertenceu. Não existe mais caminho para nós.

ADAUTO

Talvez nos reste um, Joana: o da terra, que meu irmão nos apontou.

JOANA

Nós perdemos esse caminho no momento em que matamos Abel.

ADAUTO

Podemos reconquistá-lo, lutando contra tudo e mostrando a coragem que meu Pai teve ao escolher o dele.

JOANA

Será preciso enfrentar seu Pai e contar-lhe tudo.

ADAUTO

É o que vou fazer. Será a última dádiva de meu irmão a seus assassinos.

JOANA

Vamos, então! E que o Céu se compadeça de nós, nem que seja por uma vez!

Saem.

CÍCERO

“Ainda há esperança para quem está ligado aos vivos, pois um Cão vivo vale mais do que um Jaguar morto.”

CORO

“Vai, come teu pão com alegria e bebe teu vinho, porque Deus aceitará tuas obras. Que tuas vestes sejam brancas em todo tempo e nunca falte perfume sobre tua cabeça.”

CÍCERO

“Desfruta a vida com a mulher amada em todos os dias que Deus te concede porque esta é a porção a que tens direito na vida e no trabalho com que te fadigas debaixo do Sol.”

Quando CÍCERO pronuncia aquela sua primeira fala — retirada do Livro do Eclesiastes —, o Sol se põe e cai a noite sertaneja, “sem crepúsculo, de chofre — um salto da treva por cima de uma franja vermelha do poente”, como disse Euclydes da Cunha. Depois, aparece a Lua cheia, grande e avermelhada como o Sol poente, e que, ao aclarar um pouco a cena, revela JOANA e ADAUTO que, na penumbra, parecem estar chegando ao final de mútuas confissões.

JOANA

E foi assim, de queda em queda, que chegamos até aquele momento de morte e maldição!

ADAUTO

A culpa foi minha, Joana!

JOANA

Não, foi minha e sua. Se eu não tivesse dado meu corpo a ele, como dei a você, a morte não teria tocado aos dois, com suas asas de pedra.

ADAUTO

Então, não adianta. Por um momento, pensei que podia recomeçar tudo. Mas, com o crime que cometi, não tenho direito de seguir o caminho da terra. Sombras, sombras... Sentir que elas vão envolvendo minha alma, enquanto o corpo sobrevive... Vá você para a terra, Joana! Se eu puder, um dia irei encontrá-la.

JOANA

Sozinha, nunca poderei!

ADAUTO

Não posso mais ajudá-la. Quis me colocar à altura da pedra, mas o barro habitava meu sangue.

Entra EZEQUIEL, correndo.

EZEQUIEL, *para* ADAUTO.

Venha me ajudar, Bento escapou de novo!

É interrompido pela entrada de BENTO que, ao avistar o irmão, corre para ele e começa a estrangulá-lo.

BENTO

Você, traidor!

ADAUTO

Não faça isso, é seu irmão!

BENTO

Homem de pedra! Vou me vingar!

Ajudado por ADAUTO, EZEQUIEL consegue libertar-se.

JOANA

Quem foi que traiu você?

BENTO, *apontando* EZEQUIEL.

Ele!

EZEQUIEL

Você está enganado! Olhe bem para mim!

BENTO

Não sei, não me lembro bem, não me lembro mais de nada!

ADAUTO

Que foi que você lhe disse?

EZEQUIEL

Você saberá quando for conveniente.

ADAUTO

Joana, leve Bento daqui! Preciso falar com Ezequiel.

JOANA *toma o braço de BENTO, que lhe obedece docilmente. Saem os dois.*

EZEQUIEL

Quando chegar o momento, você talvez entenda até o segredo das pedras.

ADAUTO

Não me importa mais esse segredo, não quero mais nada com estas pedras!

EZEQUIEL

Você viverá com elas até morrer!

ADAUTO

Não, hoje mesmo sairei daqui!

EZEQUIEL

Para os baixios? É o mesmo caminho que seu irmão desejava e que o levou para a morte. Além disso, as pedras estão cravadas no seu sangue e você não tem força contra seu passado!

ADAUTO

Que é que você quer dizer?

EZEQUIEL

Você sabe melhor do que eu.

ADAUTO

Pois tente impedir minha saída. Sairemos daqui, eu e Joana. Hei de me libertar dos fantasmas que me perseguem!

EZEQUIEL

Então existe um fantasma...

ADAUTO

Mesmo que exista, você nada poderá fazer, porque é covarde!

EZEQUIEL

Não sou eu o único a quem falta coragem, aqui!

ADAUTO

Pois então impeça que eu leve sua filha comigo!

EZEQUIEL

Existe alguém que fará isso por mim!

ADAUTO

Meu Pai? Eu mesmo contarei tudo a ele!

EZEQUIEL

Você fala com muita segurança! Mas suas visões irão com você.

ADAUTO

O caminho da terra será uma herança de meu irmão.

EZEQUIEL

Seu irmão já foi castigado pelas pedras.

ADAUTO

Não, o castigado fui eu. Lá na terra, com Joana, talvez ainda receba dele a parte da minha alma que vivia prisioneira da dele.

Sai. Entra ELIAS.

ELIAS

Ouvi vozes aqui! O que é que está acontecendo?

EZEQUIEL

Está se preparando outra fuga, aqui! Seu filho e Joana!

ELIAS

É você que está por trás de tudo isso, não é? Se quer se vingar, vingue-se de mim: meus filhos não tiveram culpa!

EZEQUIEL

Não fui eu: Joana e Adauto resolveram tudo sozinhos! Vão para os baixios!

ELIAS

O mesmo caminho do outro! É Abel que os arrasta!

EZEQUIEL

É preciso impedi-los!

ELIAS

Que fazer quando os escombros caem sobre nós? Talvez nossa única esperança esteja em recomeçar a nova escultura!

Entra ADAUTO, e ouve a última fala do Pai.

ADAUTO

É verdade, meu Pai! Mas você terá que terminar o Anjo sozinho! Não posso mais ficar aqui, nem ajudá-lo!

ELIAS

Você está falando como seu irmão. O caminho escolhido por ele tinha a morte no fim!

ADAUTO

Que sabem vocês todos sobre a morte dele?

EZEQUIEL

Foi o fogo do céu que o castigou! E uma coisa eu sei com segurança: ontem à noite, Joana se tornou a mulher do seu irmão.

ELIAS

Joana amava Abel!

ADAUTO

Não, amava e ama a mim! Eu é que fiquei cego, porque a morte estava no meu sangue.

ELIAS

Não, a morte não!

ADAUTO

A morte sim, meu Pai! Sem que eu pudesse resistir, via meu corpo encher-se de fogo, de

sangue que somente a Pedra podia libertar!

ELIAS

Foi você quem matou seu irmão!

ADAUTO

Matei a ele e a mim também! Antes que a pedra libertasse seu sangue, a morte dele já estava consumada em mim!

ELIAS

Meu filho! Meu filho!

ADAUTO

Quando acordei do mau sonho, meu irmão estava na pedra! Cego, sentindo que morria também naquele mundo de sombras, só me restava seguir o caminho que ele apontou. E hei de segui-lo.

ELIAS

E Joana?

ADAUTO

Quer seguir-me para o lugar onde estará com Abel.

ELIAS

Então ficará aqui.

ADAUTO

Não, meu Pai. Levaremos meu irmão conosco, para a terra onde ele sempre quis viver.

EZEQUIEL, *para* ELIAS.

Agora você vai ficar só! E onde arranjará coragem para o trabalho da Pedra?

ADAUTO

O criminoso sou eu! Meu Pai tem condições de continuar. A morte não o tocou nem no corpo nem na alma!

EZEQUIEL

É verdade, seu Pai tem a pureza necessária para isso! Tem o direito de continuar esculpindo o Anjo! (*Para ELIAS, com desprezo.*) Conte a verdade a seu filho!

ADAUTO

Que é que você está dizendo?

EZEQUIEL

Pergunte a seu Pai! Ele lhe contará quem é sua Mãe e como ele a conheceu. Eu vou sair, agora: meu dia chegou!

Sai.

ELIAS

Você pode ir com Joana, meu filho. Não tenho o direito de retê-lo. Paguei meu orgulho com a morte de seu irmão, que foi sua, de Joana e minha também!

ADAUTO

Sua, por quê?

ELIAS

Eu pensava que aqui podia expiar meus crimes, para que a morte não atingisse meus filhos. Mas ninguém pode escapar a certas coisas! Minha culpa reviveu e foi ela que matou meu filho!

ADAUTO

E o Anjo? Não pode ser mais esculpido?

ELIAS

Nunca pôde, só agora é que eu sei! Era de pedra, e os homens foram feitos de barro!

ADAUTO

Você falou em crime: foi a morte, meu Pai? Você matou alguém?

ELIAS

No corpo, não. Ainda assim, posso dizer que sou um assassino! Matei três pessoas! Bento e Ezequiel eram meus melhores amigos. E sua Mãe...

ADAUTO

Que tem minha Mãe a ver com isso?

ELIAS

Sua Mãe era mulher de Ezequiel. Como pôde suceder aquilo? Não posso nem lhe dizer como aconteceu. Sei apenas que o corpo dela era como um ninho de sombra, e eu precisava de descanso. Quando despertei da primeira vez, tudo desmoronara. Nasceram vocês e viemos para cá. Ela voltou para Ezequiel, e todos nós, juntos, procurávamos expiar o que acontecera. Joana já nasceu aqui. Mas um dia sua Mãe nos abandonou e nenhum de nós a viu nunca mais.

ADAUTO

E você obrigou os dois irmãos a virem para cá?

ELIAS

Obrigado, não. Mas convenci os dois a acompanhar-me. Eu destruíra a nossa vida, e procurei construir outra. Castigando-me, procurei pagar a minha culpa, e mostrei a eles que somente juntos isto seria possível. Por isso, encerrei-me aqui, nesta vida que terminou perturbando todos nós, e Bento antes de todos.

ADAUTO

E o Anjo? Você não amava as pedras?

ELIAS

Não importava as coisas que eu amava, a terra e as cabras. Não tinha mais direito a elas, e precisava do castigo! O crime já fora cometido, só era possível agora tentar repará-lo. Tentei consagrar Bento e Ezequiel à vida que fora apontada: pelo Anjo, queria que reencontrássemos um sentido à nossa vida. Mas falhei em tudo, até com meus filhos! Não me resta mais nada! Agora, é esperar que o castigo venha. Com toda razão, serei castigado, e é por isso mesmo que devo ficar. Vá embora, com Joana e os outros, Cícero pode conseguir isso com a Polícia. Eu ficarei!

ADAUTO, *abraçando-o*.

Eu não vou mais, meu Pai. Ficarei aqui com você! Talvez um novo caminho nos seja apontado. Vamos sair daqui!

ELIAS

Para onde?

ADAUTO

Para junto das duas Pedras, onde estamos montando o Anjo. Que a Polícia, se vier, nos encontre trabalhando nele! Talvez um dia, terminado o Anjo, nós todos possamos chegar, redimidos, à terra dos baixios.

Sai, amparando Elias. EZEQUIEL *sai da sombra em que se tinha escondido, ao mesmo tempo em que* JOANA *entra em cena.*

EZEQUIEL

Acabaram-se as esperanças, Joana!

JOANA

Pelo contrário, agora tudo vai recomeçar! Vou para a terra dos baixios!

EZEQUIEL

Sozinha?

JOANA

Não, Adatao irá comigo.

EZEQUIEL

Ele não vai, Joana! Ouvi Adatao prometer ao Pai que ficaria com ele aqui.

JOANA

Não acredito, você está mentindo!

EZEQUIEL

Juro-lhe que não! A influência do Pai sobre ele é muito grande! Foi por causa de Elias que ele matou Abel! Adatao sentia ciúme, e se o Pai não o tivesse convencido de que a Pedra era sagrada, a morte não teria se abatido sobre os dois filhos! Só existe um caminho para Adatao, agora: aquele que o irmão lhe apontou. Mas ele está retido pela promessa que fez ao Pai! É preciso que alguém tenha a coragem de libertá-lo.

JOANA

E se eu tivesse esta coragem?

EZEQUIEL

Então, tudo se resolveria. O Pai criou um passado cheio de ruínas e sacrificou os dois filhos a ele! Os dois estão, agora, junto às Pedras, novamente aprisionados pelo Anjo: vá lá, e liberte o Filho daquele Pai cruel!

Sai. Entra ELIAS.

ELIAS

Estava à sua procura, Joana: queria anunciar-lhe a decisão de meu filho!

JOANA

Ele fica?

ELIAS

Fica, e você deve ficar também!

JOANA

Por quê?

ELIAS

Nós decidimos assim.

JOANA

Nós... E Abel, também queria ficar? Agora ele está morto, e por culpa sua!

ELIAS

É verdade, Joana!

JOANA

Por sua culpa, as pedras o mataram: as pedras que ele odiava tanto. Agora, chegou a vez do outro, aquele que possui o meu amor! As pedras querem cegá-lo também! Eu vou sair daqui! E Adaauto irá comigo!

ELIAS

O sangue das pedras irá com vocês!

JOANA

Estamos unidos pelo crime que cometemos juntos.

ELIAS

Você não se libertará saindo daqui!

JOANA

Não, mas posso libertar Adauto. Quanto a mim, um dia ele me libertará, se puder. Quanto a você, a Pedra nunca o deixará.

ELIAS

É a esperança que me resta: o sacrifício que ela representa! E quando a morte me for concedida, é sobre a Pedra que quero repousar.

JOANA

E se a morte vier pela Pedra?

ELIAS

Tudo o que eu consegui construir até agora foi pela Pedra: a morte também virá por meio dela.

Sai. JOANA empunha o martelo e segue seus passos. Ouve-se um grito e JOANA reaparece, olhando fixamente o martelo.

JOANA

Morte! Sangue sobre a pedra!

Solta o martelo no chão, como se estivesse horrorizada com o que fez. Entra ADAUTO, transtornado.

ADAUTO

Joana, que tem você? Senti as asas da Morte tocarem no meu corpo! É a morte de meu irmão: parecia que eu a estava repetindo!

JOANA

Você pode livrar-se destes pesadelos, agora. Eu o libertei. Quebrei as cadeias que tinham você aprisionado. Vá embora e um dia, se puder, venha buscar-me!

ADAUTO

Não, é preciso ficar e esperar.

JOANA

Ninguém mais o retém aqui!

ADAUTO

Não havia ninguém me retendo, Joana. Eu mesmo decidi ficar, procurando meu caminho pelo sacrifício.

JOANA

Então a morte dele foi inútil!

ADAUTO

A morte? De que morte você está falando?

JOANA

Eu matei seu Pai, para libertá-lo destas Pedras amaldiçoadas. Ele era mau! Você matou seu irmão por culpa dele!

ADAUTO

Não, Joana, matei por minha própria culpa. E meu Pai estava apenas tentando pagar aqui o crime de sua juventude. Quanto a mim, pensei em ficar para também expiar o meu.

JOANA

Então, é o fim. Não falo assim por causa da Polícia. É que agora acabaram meus sonhos, os sonhos do tempo em que me entreguei a você. Depois, veio o outro. Mas a minha natureza era de pedra, como a sua, e os sonhos foram esmagados por ela.

Entram EZEQUIEL e BENTO, vindos do lugar onde jaz o corpo de ELIAS.

EZEQUIEL

Morto! Morto! Você está vingado, meu irmão, nós estamos vingados. Estas mortes, nós

dois as causamos, como vingança!

ADAUTO

Você está enganado: a morte de meu Pai não foi obra sua. Nem a de meu irmão: foram as Pedras que os despedaçaram!

EZEQUIEL

Eu sei! Mas a Polícia saberá também? Eu vou-me embora para os baixios, com meu irmão. Não quero ser morto por causa de vocês; vou contar à Polícia que você matou seu irmão e esta mulher matou o Pai dela!

JOANA

Meu Pai?

EZEQUIEL

Sim, você era filha dele! Elias nunca soube disso, e eu escondi o segredo de todos para ver até onde ia o pecado. Agora a Polícia está vindo, e vocês também serão castigados. Adeus.

Sai com BENTO.

ADAUTO, *ouvindo o tumulto que se aproxima.*

É a morte que se aproxima, Joana.

JOANA

Sim, é talvez a nossa morte. Fique comigo... meu irmão!

ADAUTO

Nós dois estamos unidos pelo pecado e pela morte: pois fiquemos juntos diante dela, já que nada mais temos a dar um ao outro!

JOANA

Não, ainda nos resta o sacrifício.

ADAUTO

Não temos mais tempo, Joana. Está ouvindo? É o castigo que chega!

JOANA

Nossa expiação talvez esteja nele. Quem sabe se o castigo não é o sacrifício que estávamos procurando?

ADAUTO

Sim, Joana, quem sabe? Talvez a expiação seja o castigo que vem chegando. E se aceitarmos recebê-lo sem orgulho, talvez nos seja concedido o direito à piedade. Seremos libertados, afinal. Que venha o castigo!

Saem abraçados.

CÍCERO, *recitando.*

“Aqueles que cultivam a iniquidade, aqueles que semeiam a miséria e a injustiça, estes é que serão castigados.”

COREUTA, *recitando.*

“Ao sopro de Deus perecem, são consumidos pelo sopro de sua cólera!”

CÍCERO, *recitando.*

“Serão quebrados o rugido do Leão e a voz do Leopardo. Morre o Leão por falta de presas e as crias da Leoa se dispersam.”

CORO, *recitando.*

“Quanto a ti, farás aliança com estas Pedras e as Bestas selvagens estarão em paz contigo.”



CÍCERO, *recitando*.

“Mutilado, mas quanto movimento em mim procura ordem? O que perdi se multiplica, e uma pobreza feita de pérolas salva o tempo, resgata a noite.”

COREUTA, *cantando*.

“Não direi de Joana Temerária
sequer as culpas mínimas
e os padecimentos menores.”

CÍCERO, *recitando*.

“Direi que ela era semáfora:
daí as grandes perturbações
nas rotas de Palhano.”

COREUTA, *cantando*.

“De seu secreto pendor
para vestidos vermelhos
e alvas combinações
surgiu-lhe o primeiro amante.
E foi uma consumação:
o mangue fedia a um mar afogado
e os homens eram feras castigadas.”

CORO, *cantando*.

“Para o amante houve um cachorro doido.”

CÍCERO, *recitando*.

“Hoje, Joana Temerária
é uma coisa assim sem eco,
como um trapézio
ou uma figura do amanhecer.”

Coro, *cantando*.

“Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo
tende misericórdia de nós.”

Recife, 20 de novembro de 1948 6 de março de 1949

Reescrita em maio de 2003

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Os homens de barro

Página do autor na Wikipédia

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ariano_Suassuna

Biografia on line do autor

<http://educacao.uol.com.br/biografias/ariano-suassuna.jhtm>

Entrevista com o autor no Programa do Jô

<http://www.youtube.com/watch?v=HVL-9lJ9KjQ>

Página do autor na academia brasileira de letras

[http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/
sys/start.htm?sid=305](http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=305)

Página do autor no Skoob

[http://www.skoob.com.br/livro/lista/
Ariano+Suassuna/tipo:autor/](http://www.skoob.com.br/livro/lista/Ariano+Suassuna/tipo:autor/)